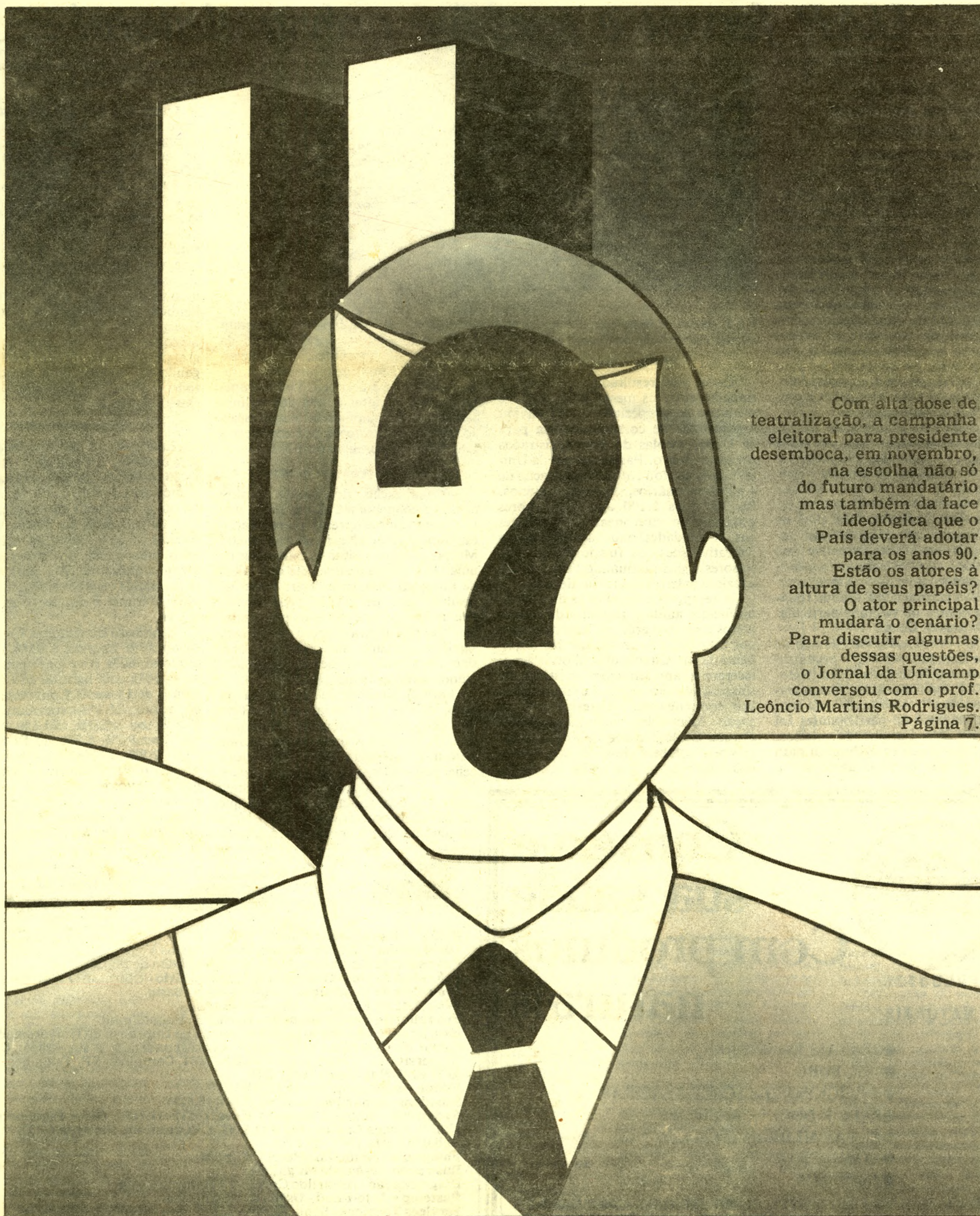
Campinas, novembro de 1989 — Ano IV — n.º 37

Zuenir tem fé na geração 90

O autor de *1968, o ano que não terminou*, sucesso editorial desde o final do ano passado, diz na Unicamp que os jovens dos anos 90 serão mais conscientes que os de hoje. *Página 6.*

Muda o ator. Mas e o cenário?

Com alta dose de teatralização, a campanha eleitoral para presidente desemboca, em novembro, na escolha não só do futuro mandatário mas também da face ideológica que o País deverá adotar para os anos 90. Estão os atores à altura de seus papéis? O ator principal mudará o cenário? Para discutir algumas dessas questões, o Jornal da Unicamp conversou com o prof. Leôncio Martins Rodrigues. Página 7.

Opinião

Impressões de uma visita à ciência

Wendy Raeder

A caminho de Campinas, no ônibus que trouxe a mim e a meus colegas para a Universidade Aberta ao Público, eu me perguntava como seria a Unicamp. Não a conhecia sequer de fotos, embora tivesse ouvido falar muito dela. Universidade moderna, pesquisas de ponta, muita gente bem informada. Conhecia também alguns relatos de amigos que tinham vindo tentar o vestibular aqui. Mas, fisicamente, imaginava um aglomerado de prédios sisudos e muito próximos uns dos outros. Aliás, devo dizer que nunca havia visitado uma universidade antes.

Foi surpreendente, portanto, encontrar um campus numa planície muito agradável, longe do centro urbano. Fiquei encantada com os gramados, os bosques, a atmosfera oxigenada. Eu imaginava prédios maiores e laboratórios mais amplos também. Em suma, achei tudo muito aconchegante.

Como a programação era muito extensa e eu dispunha de um dia apenas para visitar tudo, fiz um estudo da localização das unidades e pernas para que te quero. Comecei pelos laboratórios de física. Fiquei muito bem impressionada com as experiências no campo da holografia, ciência na qual tinha ouvido falar, mas nada conhecendo a respeito. Vi também coisas na biologia sobre as quais meus professores já tinham falado, mas que não conseguia visualizar. Gostei muito de uma demonstração de percepção musical no Instituto de Artes. E de tudo o mais: dos computadores, dos produtos obtidos com a engenharia de alimentos etc. Só lamentei não ter visto nada na área de desenho geométrico, que é a disciplina de que mais gosto.

Soube que há gente que definiu sua vida profissional aqui, durante uma dessas visitas. Mesmo que isso não tenha acontecido comigo, acho que a Universidade Aberta me ajudou a definir outras coisas. Por exemplo: o conceito do que é uma instituição de ensino superior. Infelizmente a Unicamp fica muito longe de minha casa, razão pela qual talvez seja mais conveniente eu ir para Curitiba para cursar a universidade. Mas, como tudo é possível e o destino dá suas voltas, quem sabe eu não venho parar aqui no futuro. Se vier, já sei o que vou encontrar.

Passando próximo de uma cantina do campus, vi que havia uma votação simulada para presidente da República. Tive curiosidade de saber que resultado daria. Mais tarde, conversando com colegas de outras regiões do País (a visita também teve isso de bom, cruzar com pessoas de todos os lugares), alguém me perguntou se eu acreditava que o Brasil ia melhorar com as eleições presidenciais. Fiquei na dúvida, mas depois achei que podia melhorar, sim. Então pensei o seguinte: o futuro imediato podia depender do próximo presidente e da geração que agora trabalha e planeja o Brasil, mas o futuro um pouco mais além vai depender exatamente daqueles jovens que estavam espalhados pelo campus da Unicamp, inclusive eu.

Cheguei até a ser entrevistada para um jornal, não sei qual. Perguntaram-me, por exemplo, se eu tinha consciência (já que falávamos em eleições) de que eu tinha nascido em pleno período de ditadura. Tive de admitir, para minha própria surpresa, que eu nunca tinha pensado nisso. A coisa não tinha feito diferença para mim. Não conheci outra coisa e, para ser franca, nunca fui reprimida. Mas, claro, não ignoro que outras pessoas o foram.

Seja como for, acho que agora a atmosfera está carregada de esperanças e devemos começar a olhar para frente, não para trás. Visitar uma universidade, conhecer lugares e pessoas é uma forma de descobrir novas realidades e, portanto, de criar uma nova espécie de futuro. Se puder, voltarei.

Wendy Raeder, 15 anos, é aluna do 1.º colegial do Colégio Marista de Cascável (Paraná).

UAP ferveu e teve até prévia eleitoral

Caravanas vieram do Brasil inteiro, até da Argentina.

As pesquisas desenvolvidas com diversos tipos de laser, as imagens tridimensionais da holografia, apresentações artísticas das mais variadas e as demonstrações sobre a produção de diferentes alimentos foram as atividades que mais aguçaram a curiosidade dos visitantes da 10.ª Universidade Aberta ao Público (UAP). Realizado nos dois últimos dias de setembro, o evento contou com um público estimado em 100 mil pessoas de faixas etárias contrastantes: crianças de pré-escolas, alunos de primeiro e segundo graus e pessoas da comunidade em geral.

Diante da oportunidade de conhecer a vida universitária, suas pesquisas e trabalhos, os visitantes não mediram sacrifícios. Algumas caravanas viajaram mais de um dia. Afinal a Unicamp é a única instituição de ensino superior brasileira que promove esse tipo de evento. Vieram caravanas de quase todas as regiões brasileiras, inclusive uma do exterior, com estudantes argentinos. Calcula-se que nos dois dias circularam pelo campus 1.500 ônibus fretados, sem contar os veículos particulares e os ônibus de linha.

Para o coordenador do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) e organizador do evento, João Luís Horta Neto, a 10.ª UAP "correspondeu plenamente à expectativa". A começar pelo fato de que o número de participantes foi superior em 25% à promoção anterior. Um dos fatores que contribuíram para isso é o de que a partir deste ano a UAP passou a fazer parte do calendário turístico oficial de Campinas.

No Circo Cultural, o picadeiro democrático: folclore e dança contemporânea.

Trabalho integrado

Obter esse resultado exigiu muito trabalho entre os meses de fevereiro e setembro. Nesse período o SAE enviou seis malotes de correspondência para as 11.500 escolas do País registradas em seu cadastro. Paralelamente, a Universidade contou com a colaboração de 4.500 funcionários, docentes e alunos. Enquanto os 1.100 alunos-monitores tratavam de ciceronear os visitantes nas 21 unidades onde aconteciam as 348 atividades, os funcionários, professores e pós-graduandos explicavam e faziam palestras nas salas de aula.

A recepção aos milhares de visitantes incluiu ainda o trabalho de marceneiros e pessoal gráfico. Eles cuidaram por exemplo da montagem das arquibancadas do Circo Cultural onde aconteceram as apresentações artísticas, da sinalização pelo campus e imediações, bem como de todo o material de divulgação. Além deles, os funcionários do Parque Ecológico foram os responsáveis pela constante limpeza dos gramados e dos prédios com maior circulação de pessoas. A Universidade, entretanto, contou também com o apoio da Prefeitura de Campinas, de policiais rodoviários e militares, bombeiros, radioamadores e escoteiros. Todos empenhados em facilitar a vida dos visitantes que, pressionados pelo tempo escasso, chegavam ansiosos por conhecer a Universidade por dentro e por fora.

Uma idéia para o futuro

A realização do evento custou aproximadamente NCz$ 1 milhão, custo coberto por empresas patrocinadoras como o Banco Nacional e a General Motors. Para o visitante, participar de uma UAP é uma experiência que, além de propiciar cultura e lazer, pode até resultar em definição profissional. Prova disso são os próprios universitários que trabalharam como monitores, significativa parte dos quais teve ocasião de visitar a Unicamp enquanto alunos secundaristas.

Lara Andréa Crivelaro, aluna do curso de Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), recorda-se da primeira vez que visitou a UAP, em 1986. "Na época achei deslumbrante e através do evento fiquei sabendo da existência do meu curso. Eu ficava imaginando: será que um dia ainda vou estudar aqui?". Hoje ela garante que a monitoria é importante para orientar os visitants e transmitir informações sobre a vida acadêmica.

Outro monitor que conheceu a Unicamp pela UAP é César Augusto Bonamigo, de Jundiaí, aluno da Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE). "Quando cheguei ao campus estava com fome de ouvir as palestras e assistir a todas as atividades. O monitor da minha turma transmitiu uma visão global sobre a instituição e saímos daqui entusiasmados. Voltei no ano seguinte e para me inscrever no vestibular. Como as provas daqui e da USP foram no mesmo dia, optei pela Unicamp. Eu também havia passado no vestibular da Unesp, mas queria estudar aqui de qualquer jeito". Na opinião deles, é grande a emoção de ver os ônibus chegando ao campus com estudantes de todo o País, tão empolgados quanto eles há alguns anos.

Cédulas nas urnas

Entre assistir às atividades artísticas, conhecer a Feira de Ciências com os 30 melhores trabalhos científicos de alunos do segundo grau, ou ainda observar o resultado de intensos trabalhos de pesquisas em física, das engenharias ou de biologia, os visitantes faziam uma pausa nos roteiros previamente elaborados. Era para votar em seus candidatos à Presidência da República, durante a simulação eleitoral do IFCH.

O número de votantes foi de 4.336, sendo 55% homens e 45% mulheres. Do total, 60% com idade entre 16 e 18 anos, 30% com mais de 18 e 10% com menos de 15 anos. Conforme a prévia da época 25,6% votaram no PT, 22,8% no PSDB, 20,1% no PFL, 8,1% no PCB, 6,7% no PDS, 5% no PDT, 1,9% no PRN, 1,4% no PV. Os demais presidenciáveis receberam menos de 50 votos e houve 95 votos nulos e 17 em branco. A prévia foi realizada para que se conheça o perfil ideológico dos eleitores de 16 a 18 anos. **(C.P.)**

FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP
Rua da Mooca, 1921 — Fone: 291-3344,
Vendas, ramais: 257 e 325
Telex: 011-34557 — DOSP
Caixa Postal: 8231 — São Paulo
C.G.C. (M.F.) N.º 48.066.047/0001-84

Reitor — Paulo Renato Souza
Coordenador Geral da Universidade - Carlos Vogt
Pró-reitor de Extensão - José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Ubiratan D'Ambrósio
Pró-reitor de Graduação - Antônio Mario Sette
Pró-reitor de Pesquisa - Hélio Waldman
Pró-reitor de Pós-Graduação - Bernardo Beiguelman
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas-SP. Telefones (0192) 30-3134/39-3148. Telex (019) 1150.
Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Léa Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.571).
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração - Oséas de Magalhães
Diagramação - Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste-up e Arte-Final - Oséas de Magalhães
Serviços Técnicos - Sônia Regina T.T. Pais e Clara Eli Salinas.

Há século e meio, em Campinas

Os 150 anos da fotografia trazem de volta polêmica sobre sua invenção.

A fotografia comemora oficialmente neste ano o sesquicentenário de sua invenção. Falar sobre os 150 anos da fotografia não é um trabalho fácil. Mais difícil ainda é afirmar quem foi o precursor do processo de fixação da imagem sobre uma superfície plana através de produtos químicos — assunto que, até os dias de hoje, vem gerando polêmica. Para os franceses, o "pai" da fotografia foi o pintor e cenógrafo Louis Daguerre, autor do processo de impressão por ele denominado "daguerreotipia". Daguerre obteve o resultado a partir de conhecimentos de seu conterrâneo, Nicóphore Niépce, considerado a primeira pessoa a obter a fotografia no mundo, em 1827, após uma exposição de oito horas. Também em 1839 os ingleses comemoraram a mesma descoberta, todavia creditada a William Talbot, criador do *Talboty*, processo fotográfico negativo/positivo. Entretanto, seis anos antes, na então isolada Villa de São Carlos, atual Campinas, outro francês, o desenhista Hercule Florence, realizava a primeira reprodução de imagem através da câmara escura, embrião da máquina fotográfica. Tal processo foi por ele denominado *Photographie*.

Com base nesses fatos, torna-se complexa a tarefa de atribuir a este ou aquele pesquisador ou artista o crédito pela invenção da fotografia. Brasil, França e Inglaterra procuram capitalizar para si a primazia da descoberta. Polêmica à parte, é inconcebível falar da história da fotografia no Brasil sem se remeter a Florence *(ver box ao lado)*. Não é por acaso que seu acervo, documentos e manuscritos estão concentrados nas mãos de seus descendentes, hoje distribuídos no eixo Campinas-São Paulo. Dos 55 anos que viveu no Brasil, 49 foram em Campinas. Sua trajetória e vida científica são hoje objeto de minuciosas pesquisas. A "Expedição Langsdorff" (1824-1829), bem como a participação de Florence nessa aventura, deu margem a uma série de investigações hoje coordenadas pela Universidade de Brasília (UnB) e que integram o projeto "Langsdorff de Volta". Parte dessas pesquisas está sob a responsabilidade do prof. José Roberto do Amaral Lapa, coordenador do Centro de Memória da Unicamp — órgão responsável pelos projetos realizados no Estado de São Paulo — que responde por seis subprojetos, dos quais quatro diretamente ligados ao desenhista francês.

Os subprojetos

"Hercule Florence: a fixação de uma imagem" é uma das quatros pesquisas coordenadas pelo Centro de Memória. O trabalho, proposto pela aluna de mestrado em Comunicação da ECA , Rosana Horio Monteiro, enfoca Florence não apenas como o inventor da fotografia, mas também enquanto cientista que através de outras descobertas contribui para o estudo das técnicas em comunicação. Entre as descobertas está a "poligrafia", sistema inovador de impressão gráfica desenvolvido por ele a partir de 1831.

O projeto de Rosana visa resgatar o trabalho do inventor relacionado com os processos de fixação de imagens sobre diferentes tipos de superfície. Pretende desenvolver uma análise comparativa entre as realidades científicas brasileira e européia da época; descobrir, em suma, se Florence, enquanto cientista, poderia ser apontado como um homem em choque com seu tempo, um vanguardista. O trabalho visa ainda detectar as razões que contribuíram para a pequena repercussão dos inventos de Florence na época e os motivos que estimularam o seu isolamento na então Villa de São Carlos.

Que condições teve Florence na Villa de São Carlos para o desenvolvimento de seus projetos? Como foi a relação desse homem com a sociedade de sua época? Questões dessa natureza integram o projeto "Hercule Florence no Brasil: a Villa de São Carlos", de Flávia Carneiro Leão. Para responder a essas questões e realizar um trabalho de reflexão sobre as informações colhidas, Flávia pretende valer-se de manuscritos, iconografias, fitas com depoimentos e outros documentos de posse dos descendentes do inventor.

Cássia Denise Gonçalves, Maria Alves de Paula Ravaschio, Ermelindo Tadeu Giglio e Fernando Antônio Abrahão, todos ligados ao Centro de Memória, trabalham no projeto "Expedição Langsdorff e Hercule Florence — fontes para estudos e pesquisa". Os quatro pesquisadores pretendem localizar, reproduzir e referenciar em âmbito regional a documentação do inventor relacionada à aventura do barão russo. Presente nos cinco anos em que durou a expedição, Florence foi o responsável pelas anotações em diário dos últimos dias da viagem. Os registros reúnem, além do diário, manuscritos, correspondências e uma autobiografia.

O reconhecimento

Trabalho paralelo a esse, que visa revelar aspectos relacionados à vida do inventor, está sendo proposto pelo historiador Boris Kossoy, autor do livro *Hercule Florence 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. Neste trabalho, entitulado "Autobiografia de Hercule Florence; estudo crítico" Kossoy pretende debruçar-se sobre textos inéditos, desconhecidos da comunidade científica. "São relações que abrangem sua infância e juventude na Europa", diz o historiador, que pretende resgatar o documento na íntegra e analisá-lo criticamente. O outro objetivo, segundo ele, é coordenar a edição fac-símile da referida autobiografia. Os quatro subprojetos, bem como os demais que integram o projeto "Langsdorff de Volta", somente serão realizados se forem liberados os recursos solicitados a agentes financiadores. Os contatos nesse sentido já foram mantidos.

Incluir Hercule Florence entre os precursores da fotografia não constitui tarefa fácil para Boris Kossoy. Seu reconhecimento pela comunidade científica internacional somente ocorreu em 1976, no 3° Simpósio Internacional da História da Fotografia, realizado em Nova Iorque, onde foram apresentados os resultados de experiências semelhantes às realizadas por Florence em 1833. O historiador solicitou ao Instituto de Tecnologia da Universidade de Lorchester que realizasse as experiências feitas com cloreto de ouro, usando urina, cloreto de prata e amônia como fixador, tal qual fez o inventor. No simpósio foi comprovada então cientificamente a descoberta, acompanhada de manuscritos originais e de cópias fotográficas da época. Para o historiador, Florence deixou de ser objeto de conversa científica de bastidores e passou, desde então, a integrar as páginas de enciclopédias. **(A.C.)**

Florence: descoberta seis anos antes.

Gabinete dentário: registro de 1914.

De Nice a São Paulo, a trajetória de Florence

Hercule Florence nasceu em Nice (França) em 24 de fevereiro de 1804. Filho de cirurgião do exército de Napoleão Bonaparte, Florence parte aos 16 anos para a Antuérpia (Bélgica), em busca de trabalho. Sem sucesso, retorna à França onde desenvolve os primeiros trabalhos com desenhos. Aos 20 anos e com aflorado espírito aventureiro, ele embarca na fragata francesa Marie Thérese, *com destino ao Rio de Janeiro, onde se estabelece provisoriamente trabalhando no comércio.*

A experiência em litografia e o talento revelado nas gravuras credenciaram Hercule Florence como segundo desenhista da expedição chefiada pelo barão Gregory Ivanovitch Langsdorff que percorreu entre os anos de 1824 e 1829 mais de 16 mil quilômetros nos estados do Rio de Janeiro, Mato Grosso, Grão-Pará e São Paulo. Somente após o trabalho nessa expedição — que durou aproximadamente cinco anos — é que Florence fixou residência na então Villa de São Carlos, atual Campinas.

No período em que viveu em Campinas, Florence debruçou-se em suas pesquisas científicas. Sua primeira descoberta foi a Zoophonie (1829), resultado das observações dos sons produzidos pelos animais. Em face das dificuldades para publicar seu trabalho — em São Paulo só havia uma tipografia e um jornal —, Florence pesquisou um sistema diferente de impressão, a polygrafie, que passou a desenvolver em 1830.

A partir das pesquisas com poligrafia, Florence passou a se dedicar a experiências que resultassem na reprodução de imagens. Com auxílio do boticário campineiro Joaquim Correa de Mello, conhecedor de fórmulas e processos químicos, inicia pesquisas que culminaram mais tarde com a invenção da fotografia. Em janeiro de 1833 realiza suas primeiras experiências fotoquímicas usando uma pequena caixa confeccionada à maneira das antigas câmaras-escuras. Florence faleceu em Campinas em 1879. Somente meio século após sua morte é que o cientista foi reconhecido internacionalmente como um dos precursores da fotografia. **(A.C.)**

Uma vasta programação para celebrar a data

Palestras, filmes e exposições fazem a Semana da Fotografia.

Em comemoração aos 150 anos de invenção da fotografia, o Instituto Nacional da Fotografia (InFoto) e o Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas programaram para o período de 27/11 a 1.°/12 a "8.ª Semana Nacional de Fotografia". Com a participação do Centro de Memória da Unicamp e de docentes de áreas afins da Universidade serão realizadas palestras, debates, oficinas, projeções de filmes, exposições e lançamentos de livros de fotografias reunindo especialistas no assunto. O programa será desenvolvido no Centro de Convivência Cultural (CCC), Museu de Arte Contemporânea (MAC), Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), Museu Dinâmico (Taquaral) e Biblioteca Central (Unicamp).

A programação será aberta dia 27, às 18h30, com a apresentação da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, no auditório do Centro de Convivência Cultural. "Hercule Florence: o inventor no exílio" é o tema da primeira palestra que será proferida a partir das 20 horas pelo professor da USP, Boris Kossoy.

"O uso da imagem como instrumento de pesquisa na universidade" é o tema da mesa-redonda que acontecerá dia 28, às 19 horas, no Centro de Convivência. Todas as palestras da sessão serão coordenadas por professores da Unicamp. "Desenvolvimento científico da imagem" é outro tema, a ser exposto pelo prof. Marcelo Costa Souza, diretor do Centro de Comunicação da Universidade. O prof. José Joaquim Lunazzi, do Instituto de Física, falará sobre "Tridimensionalidade na imagem", Etienne Samain, professor do Departamento de Multimeios do Instituto de Artes, discorrerá sobre "Fotografia enquanto análise antropológica", e Hermelindo Tadeu Giglio, responsável pelo Laboratório de Iconografia do Centro de Memória da Unicamp, falará sobre "A utilização da iconografia na pesquisa histórica".

Dia 29, às 10 horas, no Centro de Convivência, o prof. Sérgio Burgi falará sobre "Preservação de acervos fotográficos". No mesmo local, às 19 horas, acontecerá um "cromo-clip", sessão em que cada participante poderá apresentar até cinco cromos na mostra fazendo simultaneamente um breve relato sobre seu trabalho. As inscrições para o "cromo-clip" poderão ser feitas nos dias 25 e 26 de novembro, das 14 às 18 horas, e no dia 27, das 9h30 às 12 e das 14h30 às 18 horas.

"Procedimentos preliminares para organização de um acervo fotográfico" será a conferência de Cássia Maria Mello da Silva, dia 30, às 10 horas, no Centro de Convivência. Às 19 horas, no mesmo local, o prof. Nelson Brissac Peixoto fará a palestra "América: Imagens", título de seu mais recente livro que será lançado no mesmo dia a partir das 21 horas. Simultaneamente, Joaquim Paiva lançará o livro fotográfico *Olhares Refletidos*.

As exibições do filme *Rio de Memórias* e dos vídeos *150 anos da Fotografia* e *30 Fotógrafos Brasileiros*, de Sílvio Tendler, compõem a mostra do último dia da Semana de Fotografia. O filme e os vídeos serão apresentados a partir das 10 horas com término previsto para às 13 horas. A solenidade de encerramento acontecerá às 18h30, no auditório do Centro de Convivência.

Exposições

Paralelamente às palestras serão realizadas exposições que mostram a trajetória da fotografia, desde sua invenção até as diferentes formas de expressão adquiridas ao longo dos anos. De 27 de novembro a 8 de dezembro, 57 fotógrafos do InFoto farão a mostra *Brasil, cenários e personagens;* de 27/11 a 15/12, o MIS organizará a exposição *Hercule Florence: a fixação de uma imagem. Origens e Expansão da Fotografia no século XIX* é a outra mostra organizada pelo InFoto, no período de 27/11 a 8/12, no Centro de Convivência. O Centro de Memória da Unicamp mostrará de 27/11 a 8/12, no Centro de Ciências, Letras e Artes, a exposição *Juntos para sempre: fotos de turma*. O arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, organizou para o mesmo período, na Biblioteca Central da Universidade, a mostra *São Paulo em cartões-postais*.

O Museu de Arte Contemporânea de Campinas programou entre 27/11 a 8/12 a realização de três mostras: *Iochin*, de Milton Guran; *Mecânica do Desejo*, de Antonio Sagesse e *Luminescência*, de Pedro Vasquez. *Imagem por Holografia*, de José Joaquim Lunazzi (Instituto de Física da Unicamp) fecha a sessão de exposições. O prof. Lunazzi mostrará seu trabalho de 27 de novembro a 1° de dezembro, sempre das 14 às 20 horas, no Museu Dinâmico do Parque Taquaral.

Oficinas

Das 15 oficinas programadas para a "8.ª Semana de Fotografia", quatro serão coordenadas por professores da Unicamp.

Colecão João Falchi Trinca/Centro de Memória

"Juntos para sempre": 3.° Grupo Escolar de Campinas, década de 10.

José Joaquim Lunazzi discutirá o tema "Holografia", Hélio Solha e Fernando Tacca (Dept.° de Multimeios) falarão sobre "Antropologia visual", Marcelo Costa Souza (Centro de Comunicação) será o responsável pelo tema "Imagem digitalizada", e Donato Pasqual Júnior comandará a equipe técnica do Centro de Comunicação que trabalhará o painel "Introdução prática de vídeo".

São as seguintes as demais oficinas programadas: "A fotografia dentro da História da Arte", "A fotografia e a pequena história de Walter Benjamin", "Fotografia e expressão pessoal", "Fotografia de rua — o ato de fotografar", "Fotografia a cores", "Laboratório preto e branco", "Iluminação em fotografia publicitária", "Fotografia sem câmera", "Oficina de vídeo", "Leitura crítica de imagens" e "Relato e troca de experiência". Maiores informações sobre a programação da "8.ª Semana de Fotografia" podem ser obtidas através do telefone 31-7557.
(A.C.).

Carta estadual traz boas novas

Unicamp trabalhou duro em favor do capítulo do ensino e da pesquisa.

Professores, estudantes e pesquisadores do Estado de São Paulo têm o que comemorar com a promulgação, no dia 5 de outubro, da Constituição paulista. A nova Carta, que entra em vigor 42 anos depois da elaboração até então vigente, avançou muito em relação aos direitos do cidadão. Um ganho inequívoco é a destinação de 30% da receita do Estado para a Educação, 5% a mais que o estabelecido na Constituição Federal.

A Constituição de São Paulo abriga 355 artigos (296 no corpo permanente e 59 nas disposições transitórias). É maior que a Federal, que conta com 315 artigos. O Núcleo de Estudos Constitucionais (NEC) da Unicamp, sob a coordenação do prof. Osmar Marchese, teve uma atuação importante na confecção da Carta estadual. Algumas das conquistas consideradas fundamentais no âmbito da Educação e da Ciência e Tecnologia, além de outras áreas, podem ser creditadas ao NEC.

As conquistas

Desde o início dos trabalhos na Assembléia Legislativa do Estado, representantes do Núcleo de Estudos Constitucionais da Unicamp estiveram presentes nas discussões em defesa dos interesses dos cidadãos paulistas. O NEC chegou mesmo a apresentar um anteprojeto completo de Constituição Estadual que contribuiu substancialmente para o avanço dos trabalhos desenvolvidos pelos deputados e seus assessores.

Os capítulos da Educação e o da Ciência e Tecnologia saíram vitoriosos. Essa é a avaliação do economista Marchese, que enxerga também alguns avanços políticos consideráveis tais como a possibilidade de emenda popular com a participação de 1% dos eleitores do Estado, ou seja, num mínimo de 190 mil pessoas. Dentro da mesma perspectiva, projetos de lei também podem ser apresentados, estes porém com um número ainda inferior de eleitores (0,5%, ou seja, 95 mil pessoas).

O NEC, que acompanhou de perto todo o processo de elaboração da Constituição Federal e Estadual, dá agora continuidade a esse trabalho junto aos 83 municípios que compõem a região administrativa de Campinas. No dia 10 de outubro último o NEC coordenou um "Seminário sobre Lei Orgânica Municipal e Administrativa Regional" com a presença de prefeitos municipais, vereadores e presidentes das câmaras municipais. O objetivo foi justamente oferecer subsídios visando à elaboração das leis orgânicas municipais dessas cidades. Dessa maneira a Unicamp fecha um ciclo de participação ativa na construção das novas leis do País.

A contrapartida prevista na Constituição Estadual para a ampliação das verbas para a Educação está na possibilidade de fiscalização periódica da comunidade sobre o uso desses recursos. De acordo com a nova Constituição paulista, o Estado e os municípios ficam obrigados a publicar, a cada três meses, planilhas sobre as verbas aplicadas na Educação, especificando cada item.

O analfabetismo, que atinge uma camada ainda considerável da população paulista, agora tem prazo para se extinguir, segundo a nova Carta. Até o ano 2000 devem ser criadas condições para que todos os analfabetos freqüentem escolas. Para uma avaliação criteriosa desse número será feito o mais rápido possível um amplo recenseamento educacional no Estado.

Ao lado da determinação de aplicação de 30% dos recursos do Estado para a Educação, outro artigo não menos importante faz com que essa verba possa representar ainda mais do que originalmente possa parecer. Isto porque qualquer ajuda que o Estado queira dar ao ensino privado deverá implicar a criação de nova receita, ou seja, o Estado fica desobrigado junto às escolas particulares, podendo, portanto, direcionar toda a sua verba para o ensino público.

A valorização do professor através de cursos de reciclagem e aperfeiçoamento oferecidos regularmente pelo Estado é outra conquista considerada importante por Marchese. O Conselho Estadual de Educação será remodelado no que tange a suas atribuições e composição. Foram também criados os conselhos regionais e municipais de Educação.

Autonomia

Quanto às universidades estaduais, a autonomia financeira, que atualmente vigora em função de um decreto do governador determinando a destinação de 8,4% da arrecadação do ICMS, não foi incorporada à Constituição como era desejo do NEC e dos dirigentes das universidades. Essa é uma perda que a comunidade universitária não recebeu de bom grado. É que, dessa forma, a destinação dos recursos dependerá sempre de decreto governamental, o que significa dizer que o índice atualmente válido poderá ser alterado para cima ou para baixo. Já a escolha dos dirigentes das universidades foi remetido para a autonomia interna das instituições, funcionando, portanto, de acordo com os seus estatutos.

A ampliação do número de vagas no ensino superior paulista deverá agora se dar a partir das instituições públicas. O art. 277 da nova Constituição não só determina isso como diz também que as universidades estaduais deverão "manter cursos noturnos que, no conjunto de suas unidades, correspondam a pelo menos 1/3 do total das vagas oferecidas. O objetivo é facilitar o acesso do trabalhador ao ensino superior". Como a Unicamp é a que tem o número mais reduzido de vagas à noite, a ampliação deverá se dar a partir dela. Entretanto, como a medida constitucional implica a necessidade de reorganização interna das instituições e claramente numa demanda maior de recursos, a Constituição concede um tempo de dois anos para que a nova lei seja cumprida.

Os pesquisadores do Estado de São Paulo, que já respondem por 80% da produção nacional de Ciência e Tecnologia, também têm o que comemorar. É que a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), um dos mais bem-sucedidos órgãos de fomento à pesquisa do País, duplicou seus recursos. A legislação em vigor previa que 0,5% da receita do Estado fosse destinada à Fapesp para uma redistribuição posterior a seus pesquisadores. Esse índice pulou para 1% da receita tributária do Estado, o que representa, na prática, uma ajuda considerável ao setor. A Unicamp, assim como as demais universidades paulistas, cujos quadros de pesquisadores vêm nos últimos anos contando com o apoio dessa instituição, poderão agora contar com mais recursos para suas pesquisas. (G.C.)

Informática chega à enfermagem

Computador entra nas enfermarias e até simula casos clínicos.

Pranchetas nos pés das camas, anotações pelas paredes e até nas caixas e bulas de remédios estão condenadas a desaparecer dos hospitais, em breve espaço de tempo. Isso já não se vê mais em hospitais de países avançados e mesmo em alguns hospitais privados do Brasil, especialmente de São Paulo, além dos hospitais de clínicas de universidades. O responsável pela mudança é a informática. Essa constatação foi uma a tônica do I Encontro Interamericano de Informática em Enfermagem, realizado em outubro na Unicamp. "Nos Estados Unidos os hospitais já exigem que os enfermeiros conheçam informática ao serem contratados", atesta o Prof. Renato Sabbatini, coordenador do Núcleo de Informática Biomédica (NIB) da Unicamp e um dos principais pesquisadores na área.

"No hospital em que trabalho, os postos de enfermagem são totalmente informatizados. Todos os pedidos de exames e informações clínicas são administrados por computadores", acrescenta Débora Bailey, diretora de sistemas de informação e financeiro de enfermagem do Northeast Georgia Medical Center, em Gainesville, EUA. Bailey esteve presente ao encontro na Unicamp e relatou as experiências que vive em seu país. O hospital de Gainesville tem 330 leitos e ali os terminais de computador são operados por enfermeiros altamente qualificados.

E no Brasil, qual é a situação da informática na enfermagem? "Estamos atrasados de 15 a 20 anos", afirma o prof. Luiz Cietto, titular do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e pesquisador-associado no NIB. Cietto foi o presidente do encontro. A situação, porém, não é tão desesperadora assim. Sabbatini se apressa em dizer que o número de trabalhos publicados sobre o assunto no Brasil — um parâmetro muito usado cientificamente — vem aumentando. Eram três em 86, não existiram em 87, passando a 11 em 88 e para 24 em 89 (até outubro).

Sabbatini ressalta que "eticamente um computador não pode tomar uma decisão médica", enumerando, por outro lado, seus benefícios. A informática aumenta a qualidade dos dados, a segurança dos diagnósticos e ainda o número de dados do paciente. Até então uma prescrição médica demorava cerca de cinco minutos para ser anotada em papel. Hoje, num hospital informatizado, isso pode ser feito em menos de um minuto e com maior eficiência. Para o médico, então, melhor ainda. Quando ele vai visitar um paciente, basta chamar a sua ficha na tela e verificar na hora o seu histórico médico.

Software

Lançar simplesmente os dados do paciente em um terminal de computador não refresca muita coisa. Simular situações é mais proveitoso do que isso, principalmente na área de ensino. Na Unicamp, os cursos de medicina e de enfermagem estão se preparando para incluir essa disciplina — informática na enfermagem — em seus currículos. Até que isso aconteça, o NIB desenvolve programas juntamente com o Departamento de Enfermagem para serem usados por estudantes e profissionais da área.

Organizado em 83, como uma unidade especial interdisciplinar de pesquisa, o NIB tem ajudado muito as ciências da Saúde. Só na área de procedimentos de enfermagem e medicina sua colaboração chega a passar dos 100 programas de software, dos poucos mais de 500 existentes no País, entre empresas comerciais, centros de pesquisas e universidades. O mais importante é que esses programas são de domínio público, podendo ser copiados por outros pesquisadores (no NIB isso é possível a um pequeno custo, do disquete e da reprodução).

Sabbatini: "O computador não pode tomar decisão médica".

Se o Brasil conta com cerca de 500 programas, nos Estados Unidos há pelo menos 6.000 deles — uma distância tecnológica que começa a ser reduzida a partir do encontro na Unicamp, que abriu a possibilidade da vinda de 600 softwares para o Brasil. "São os mais significativos dos Estados Unidos", explica Luiz Cietto. Agora é necessário a aplicação desses programas no sistema de saúde para dinamizar a informática no setor.

As pesquisas, principalmente as desenvolvidas na Unicamp, na USP de São Paulo e Ribeirão Preto, e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, todas na área de enfermagem, de nada adiantariam se seus respectivos hospitais não fossem informatizados. Aos poucos isso vem ocorrendo. A USP demorou oito anos para chegar a esse estágio. A Unicamp espera, em cinco anos ou menos — na área administrativa — estar com seu HC totalmente na era da informática. A implantação já começou e alguns departamentos já contam com esse benefício. Na área clínica as novidades estão na neurologia, ortopedia, farmacologia clínica, medicina interna e psiquiatria.

O HC da Unicamp conta com 300 enfermeiras, muitas delas já treinadas em informática e aplicações. No ensino, porém, é que estão os maiores projetos e os programas de treinamento. "Em alguns casos o programa analisa se o estudante está pedindo os dados corretos ou pode vir a fazer uma crítica, se for o caso", detalha Sabbatini.

Um dos programas desenvolvidos na Unicamp, o "med-teste", permite que um docente simule muitos e variados casos clínicos para o aprendizado de seus alunos. Outro, especificamente para politraumatizados, estaria em condição de simular um "choque" no paciente e, usando-se certos caminhos, levá-lo a uma situação mais tranqüila, como que o "ressuscitando". Nesse caso (choques tipos hemorrágicos), uma simples injeção salina hipertônica tiraria o paciente do "choque". Para sorte desse "paciente", mostrado num simples visor, tudo não passou de simulação. Do contrário, sem as hipóteses previstas pelo computador, o paciente teria morrido. **(R.C.)**

Novo almoxarifado central já é modelo

Unicamp informatiza sistema de controle e reabastecimento de estoques.

O sistema informatizado de controle e reabastecimento de estoque do Almoxarifado Central da Unicamp, desenvolvido pelo Centro de Computação da Universidade, começa a despertar o interesse de outras instituições de ensino superior. Sua adaptação, no entanto, possibilita que seja utilizado também por órgãos públicos, segundo garante o responsável pela área de suprimentos, Odair Gomes Pinto. Com o uso de dois terminais interligados ao computador VAX da Universidade, com o uso de softwares é possível um melhor gerenciamento das compras, um eficaz controle do estoque e agilidade na distribuição dos 800 itens de materiais de uso comum aos 25 mil "consumidores" da Universidade: os docentes, alunos e funcionários.

Equipes da Universidade Estadual de Maringá (UEM), do Paraná, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru, e das prefeituras de Itaju e de São Roque, no interior de São Paulo, já mantiveram contatos com os responsáveis pelo almoxarifado e visitaram a Unicamp para conhecer como funciona o seu sistema *on line*. O cardápio do programa é dividido em dez módulos, com entrada ou saída de materiais, apresentando diversas opções. De acordo com o módulo acessado é possível conhecer pela tela do microcomputador, por exemplo, qual a posição do estoque, em termos de quantidade, o preço de cada item, a média de consumo das 83 unidades atendidas pelo Almoxarifado Central e ainda suas cotas.

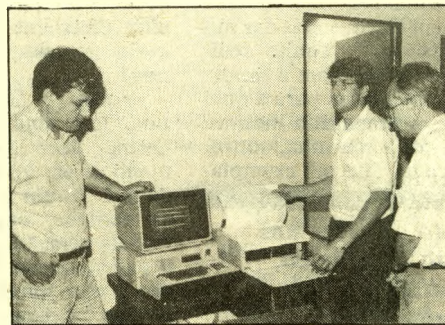
Um dos terminais está instalado no prédio da área de suprimentos e o outro no Almoxarifado Central, sendo que as informações podem ser conhecidas simultaneamente pelos funcionários dos dois locais. Os dados são todos codificados, como os referentes aos 28 vãos de prateleiras (cada vão pode ter até 13 endereços), as prateleiras com o alfanumérico T, U, V, X, Y, Z, e as ruas entre as prateleiras, identificadas de A a H. Existe também um sistema de listagem para garantir o controle do lote de material: são etiquetas nas quais constam a data de chegada, empresa fornecedora ou quantidade de material entregue.

Visão frontal

O responsável pelo estoque do Almoxarifado Central, Hélio Millan, explica que, pelo vídeo instalado próximo a uma das portas para entrada de material, "se tem a visão frontal das prateleiras, especificando a quantidade de material armazenado para termos uma idéia do endereçamento que daremos ao material que chega. Temos assim a indicação dos espaços vagos para providenciarmos o estoque do item".

Quando alguma unidade na Unicamp envia sua requisição de material, os operadores do sistema avaliam pelo terminal a quantidade solicitada, o consumo médio real da unidade, o saldo do material disponível no almoxarifado e a cota do requisitante. Ao separar o pedido, é dada preferência àquilo que está há mais tempo no estoque, segundo a operadora de sistema da área de suprimentos, Eunice Almeida Santos. "Esse tipo de avaliação nos traz segurança no atendimento, pois é como uma mensagem de alerta para um melhor fornecimento de material", conta a funcionária.

Detector de fumaça

Embora o sistema informatizado de controle e reabastecimento de estoque tenha sido implantado em 1986, foi em agosto deste ano que todo esse esquema de gerenciamento efetivou-se por completo. Naquele mês foi inaugurado o novo prédio do Almoxarifado Central, com cerca de 2.000 metros quadrados. O responsável pela subárea do almoxarifado, Jonas Lobo da Silva, explica que o prédio é dotado de um sistema detector de fumaça para prevenir possíveis focos de incêndio e funciona com baterias.

Jonas, Hélio e Odair: maior segurança no atendimento.

Há também uma sala especial para o armazenamento de materiais de informática. A sala é refrigerada a 16°C, já que se trata de produtos perecíveis. Nela são guardados disquetes, fitas magnéticas e fitas para impressoras. Mas esta é apenas uma das famílias de materiais em estoque. As demais famílias são de equipamentos de proteção individual para segurança no trabalho (capacetes etc.), artigos para expediente (lápis, caneta, clips), gráficos (diversos tipos de formulários e outros impressos), acessórios para veículos (como pneus ou óleo lubrificante), material de limpeza e de higiene pessoal, artigos descartáveis (como copos usados nos restaurantes), materiais elétricos (lâmpadas e outros) e ainda itens específicos do Centro de Manutenção de Equipamentos da Universidade.

Função nobre

O responsável pela área de suprimentos, Odair Gomes Pinto, afirma que "o almoxarifado não é só um simples depósito de materiais, mas um órgão que tem funções nobres. Essa é a porta de entrada e saída de materiais de consumo, inclusive artigos importados, e através dele também são gerados dados que vão alimentar os registros patrimoniais e contábeis da Universidade".

Além do Almoxarifado Central, a Unicamp possui almoxarifados seccionais criados a partir de 1980 para melhor atender às unidades. Como é o caso do Hospital de Clínicas (HC) e do Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (CAISM), que adaptaram o sistema elaborado pelo Centro de Computação, do Centro de Tecnologia (CT), onde é utilizado um microcomputador no seccional; e ainda da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), da antiga Faculdade de Engenharia de Limeira (FEL), do Instituto de Química (IQ) e do restaurante. Nesses últimos, por enquanto, o controle está sendo feito manualmente, segundo o responsável pela área de suprimentos.

Com a informatização do Almoxarifado já concluída, uma equipe da área de suprimentos, do próprio Almoxarifado e do Centro de Computação, está começando a desenvolver o projeto de informatização do sistema de material. Esse será ligado ao IBM 3090 e constará de quatro módulos: compras, cadastro, estoque e importação. Odair Gomes Pinto explica que "o novo sistema permitirá a integração, por exemplo, entre o sistema contábil e de planejamento".

Através dele será possível conhecer pela tela do terminal o que haverá em estoque nos oito almoxarifados seccionais ou o consumo de materiais na Universidade, por exemplo. "Isso facilitará o gerenciamento pela Administração Central, pois dará uma visão globalizada das seccionais e de cada unidade atendida." O responsável pela área de suprimentos acredita que o sistema está pronto para pilotagem, ou seja, para os primeiros testes, no final de 1990. **(C.P.)**

Entrevista: Zuenir Ventura

"O legado de 68 é a paixão"

Paixão e ética, esta a herança que a geração rebelde de 20 anos atrás deixou para Zuenir Ventura, o editor do Jornal do Brasil *que, aos 58 anos, acabou famoso como o autor de* 1968, o Ano que Não Terminou *(120 mil exemplares vendidos, 17.ª edição). Zuenir esteve recentemente na Unicamp para uma palestra. Na ocasião, deu esta entrevista ao* **Jornal da Unicamp.**

Jornal da Unicamp — Se diz que você é um dos poucos a conseguir elevar o jornalismo à condição de gênero literário. Como fez um John Reed e, em maior escala, Euclides da Cunha. É mais difícil escrever um livro como o seu, do que, por exemplo, a série de reportagens que fez recentemente sobre o Acre?

Zuenir — Você sabe, o jornalismo como gênero é uma coisa meio desprezada. Quando alguma coisa de bom acontece no jornalismo — em termos, por exemplo, de texto, de narrativa — costuma-se dizer que é bom como um romance, ou que se parece com um texto literário. Pois eu gostaria de reivindicar para o jornalismo, pelo menos para o meu livro, aquilo que eu acho que ele tem de melhor: isto é, o jornalismo mesmo. É que a gente tende a achar que do ponto de vista narrativo, o que é bom é porque é literário. O trabalho do meu livro foi um mergulho no passado. Teve muito trabalho de campo, mas foi sobretudo um trabalho de pesquisa, com muita entrevista e muita releitura. Agora, a série sobre o Acre foi um

"Uma das metas da ditadura foi tentar passar uma esponja no passado".

mergulho na realidade, no calor mesmo da hora, nas coisas recém-acontecendo, e sob esse ponto de vista foram duas experiências muito distintas, muito mobilizantes para mim (do ponto de vista emocional) mas muito distintas. Mas me parece ao mesmo tempo que há alguma coisa em comum entre as duas, talvez porque estivesse trabalhando com duas utopias, uma que terminava, que tinha fracassado, e outra, quem sabe, que estivesse ressurgindo.

JU — É sintomático que alguns dos livros brasileiros melhor recebidos pelo público nos últimos anos foram escritos por jornalistas. Só para citar alguns exemplos, *Olga*, de Fernando de Moraes, *Minha Razão de Viver*, de Samuel Wainer, e o seu. Você acha que a ficção no Brasil, hoje, está cedendo lugar à história?

Zuenir — Eu acho que há algumas razões para isso: uma delas é o que a ditadura conseguiu fazer naqueles 20 anos. Uma das metas, digamos assim, da ditadura, foi tentar abolir o passado, o passado recente. Tentou passar uma esponja na memória coletiva. Eu acho que hoje há, com a abertura, uma vontade, uma necessidade, um anseio de recuperar a história que ameaçou se perder. Acho que isso explica um pouco o que eu chamaria de jornalismo de inventário. Por outro lado há a realidade de quem está vivendo agora, depois desse processo, que é muito complexa, muito rica. Acho que a realidade ficou tanto tempo escondida, soterrada, que quando de repente ela reaparece é natural que o jornalismo surja como a primeira possibilidade de revelação.

JU — Como foi escrito *1968*? Com a vida atribulada de editor, como foi possível?

Zuenir — Ah, pedi licença no JB. Levei um ano para escrever. Aí eu queria muito que a editora lançasse somente três mil exemplares, senão ficava aquela culpa. O editor queria lançar cinco mil e eu disse: "lança três; depois, se vender, lança mais". Enchi tanto o saco que ele falou "tudo bem". O livro foi lançado dia 12 de outubro à noite, uma quarta-feira, e na sexta-feira à tarde, seis horas, me ligam da editora, pra dizer o seguinte: "você está sentado?"; "eu tô", respondi. "Então é o seguinte: na verdade nós tiramos dez mil exemplares, não tiramos nem três, nem cinco. Esses dez mil já se esgotaram." Aquilo realmente mexeu muito com a minha cabeça. Foi uma coisa para a qual eu não estava preparado mesmo. Achei uma coisa estranha, confusa, complicada. Dez mil exempla-

"Nisto de criar um vácuo ideológico, a ditadura foi muito eficaz".

res, aí aumenta o peso, a responsabilidade, você começa a ficar com medo. Hoje deve estar nos 120 mil exemplares, tem 17 edições e está fazendo um ano agora.

JU — O que fez você deixar sua carreira de editor e sentar para escrever *1968 — o ano que não terminou?*

Zuenir — O ano de 68 me marcou muito. Não é à toa que em 69 eu já tinha feito uma série de reportagem sobre 68, sobre a década que virou tudo e tal. Acabou também virando livro. Então 68 foi uma marca em minha trajetória. Em 87 aconteceu que minha mulher, conversando com um editor amigo nosso (ela sabia da minha obsessão por 68), acabou sugerindo que eu fizesse um livro para comemorar a data. O que na verdade me reacendeu (sou professor universitário) aquela sensação permanente que eu tinha, a cada ano, de enfrentar, de encontrar gerações jovens (garotos de 16 e 17 anos) que não sabiam absolutamente nada do passado. Quando você falava em passeata de 100 mil ou falava em Vladimir Palmeira, você não tinha referência, havia uma amnésia coletiva que me deprimia muito — e tenho dois filhos de vinte e poucos anos e tal. Esses, porque eram meus filhos, nossos filhos, podiam ter mantido contato com esse passado. Agora, aqueles meninos não tinham essa ponte. Creio que foi por isso que escrevi o livro.

Zuenir Ventura: "Tem candidato vendendo a imagem de representante da geração de 68".

JU — O título sugere que as duas últimas décadas são uma espécie de sucedâneo de 68. Isso implica dizer que as propostas daquela geração realmente vingaram?

Zuenir — Eu acho que vingaram. E é uma coisa engraçada. Quando você olha a geração 68 e o ano de 68, você tem a sensação de que foi um ano de derrota. E na verdade, objetivamente, foi. Aquela geração queria conquistar o poder, queria fazer sua revolução e não conseguiu nada disso, porque foi esmagada pelos militares. Agora, é curioso, hoje você não sabe e nem procura saber quem eram aqueles militares, no entanto todo mundo parece interessado em saber quem eram aqueles garotos. Isso acontece muito na história. Os aparentemente derrotados num momento são os vitoriosos em outro.

JU — O candidato mais jovem dessa eleição presidencial disse literalmente que, ganhando ele a eleição, a geração de 68 chegava ao poder. Você acha que na bagagem dos candidatos atuais há sinais da mensagem ideológica de 68?

Zuenir — Olha, primeiro eu acho essa declaração uma grande injustiça com a geração de 68. O candidato que fez essa declaração é leitor do meu livro, sei disso, o livro foi importante até pra ele, é o que ele diz. Eu não quero entrar aqui em nenhuma polêmica, em nenhuma retaliação, mas ele não é nenhum representante da geração de 68, até porque naquela época ele não teve participação em nada. O legado de 68 mais importante para mim é o legado ético, é o da paixão. Penso que esse legado está surgindo sob uma barreira nova para novas gerações, para a garotada, e isso aí não foi — repare o seguinte —, foi muito pouco percebido pelos candidatos. Primeiro, o que 68 ensinava à gente é que se podia fazer política com ética, que não eram coisas incompatíveis, que a política é, pode ser uma atividade nobre. Podia ser e em 68 foi. E mais: que você tem de mergulhar com paixão no seu projeto, na sua utopia, você não faz nada sem paixão. Aquela paixão (não estou falando de nacionalismo, estou falando de paixão) que fazia com que aqueles meninos abandonassem os seus interesses pessoais, as suas coisas para entrar, riscar a própria pele (literalmente) nessa conquista. Acho

"É curioso que não queiramos mais saber quem são os generais de 68".

que desse ponto de vista é um momento difícil de se falar de candidatos, porque todos nós estamos muito envolvidos, cada um com suas preferências, e em geral a gente não faz uma avaliação correta. Eu tenho o meu candidato. Se neste momento fosse votar, votaria no Roberto Freire. Acho até porque o Roberto, a meu ver, é aquele que mais se aproxima dos ideais e da franqueza da geração de 68.

JU — Agora, na sua opinião, o que aconteceu com o movimento estudantil, que nos anos 60 e 70 levava multidões às ruas? Os estudantes perderam a sua bandeira?

Zuenir — Não que tenham perdido. Mas veja bem: a gente acostumou a minimizar a eficácia da ditadura. Ao contrário do que se pensa, ela foi muito eficaz, conseguiu criar um vácuo ideológico, conseguiu deflagrar o processo de amnésia. Ela conseguiu isso. O resultado a gente contabiliza até hoje. Está aí uma garotada que não teve ponte nenhuma, que não teve vivenciamento político, que ficou 20 anos sem poder se reunir, sem poder se organizar, sem poder fazer política. Mas penso que estão pintando no horizonte alguns sinais de mudança. Por exemplo, me parece que a geração que tem hoje 15, 16 anos é radicalmente diferente da geração de 20 anos, da geração de 25, de 30 anos (cinco anos hoje fazem muita diferença). Acho que essa garotada de hoje, de 15, 16 anos, tá pintando com alguma coisa de novo, tá se movimentando.

JU — Vai ser um fenômeno dos anos 90, provavelmente?

Zuenir — Exatamente, possivelmente um fenômeno dos anos 90. E, de repente, parece — quem sabe, o País surpreende muito a gente — quem sabe não está pintando uma nova cabeça, uma nova geração e até o começo de um projeto.

JU — Os anos 20 e os anos 60 deram uma juventude contestadora, do ponto de vista cultural e até político. Você acha a juventude de hoje convencional, especialmente se se considerar que um fenômeno cultural como o rock, por exemplo, já dura 30 anos?

Zuenir — Eu acho que os anos 80 foram anos muito ruins para nós, no Brasil, de uma maneira geral. Foram anos muito ciclotímicos, foram anos em que se prometeu muita coisa e até se pensou que se estava mudando tudo. Quando a gente passa, olha, vê as diretas, o investimento no Tancredo, e depois a morte do Tancredo, e depois o Plano Cruzado, e depois mais porrada e tal, então é natural que você tenha uma geração que saiu disso muito traumatizada, muito desesperançada. Eu acho que o País mergulhou na depressão (depressão em todo o seu sentido psicológico, não só no sentido econômico) durante tempo demais e a crise tem isso a saldar — ou ela te arrebenta, ou você sai dela engrandecido. Como diz minha grande amiga Maria Conceição Tavares: "Este País só não foi pro abismo porque ele é maior

"Quem sabe não está pintando uma nova cabeça, uma geração com um projeto".

do que o abismo." Qualquer que seja o resultado dessa eleição, é melhor do que o governo que tinha antes.

JU — Sua vida mudou muito depois do êxito do livro? Você esperava essa mudança aos 58 anos?

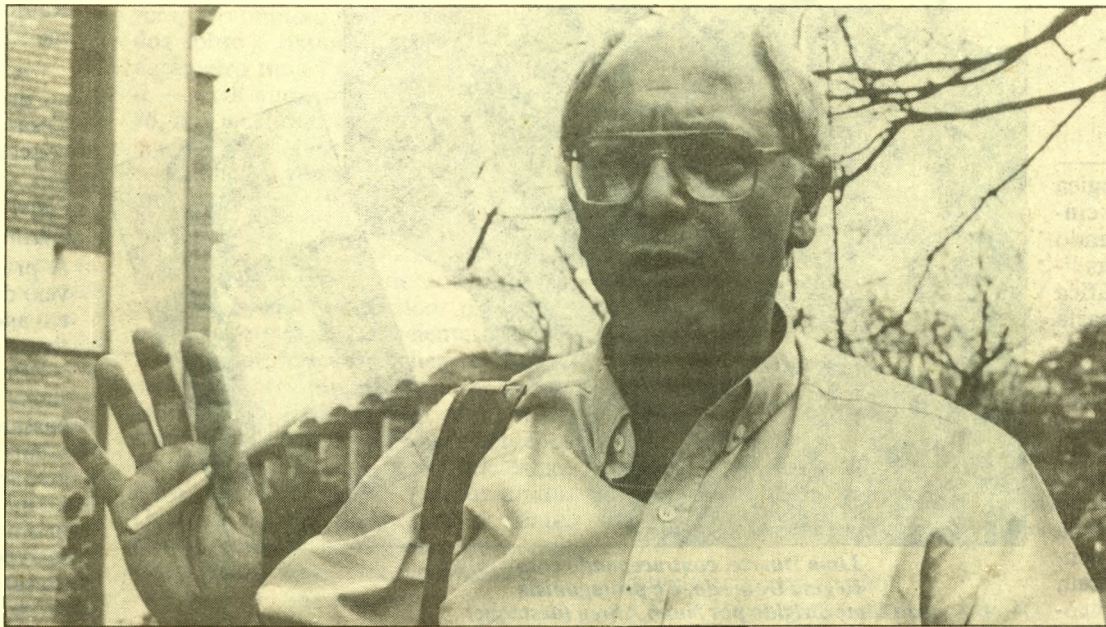
Zuenir — Não, esperava não. Foi realmente uma grande surpresa. Aliás, essa questão é uma maneira delicada de perguntar: "O sucesso lhe subiu à cabeça?" Eu acredito que não, porque eu sempre trabalhei muito perto do sucesso, só que do outro lado; eu trabalhei entrevistando o sucesso durante anos. E sei como isso é precário, como é que funciona. A única coisa que alterou minha vida foram as viagens. Como acho importante o contato (faço isso há mais de 30 anos, como professor universitário) e o livro me deu a oportunidade de expandir esse lado, faço isso por prazer. Não viajo mais porque ainda continuo trabalhando com jornal, fazendo enfim as coisas que fazia antes.

JU — Quando alguém lança um grande livro, fica aquela expectativa, será que vem outro?

Zuenir — Pois é, eu estou até com esse problema. Eu fiz o livro e tão cedo não ia pensar em fazer outro. Então fui fazer aquela matéria do Acre (para o Jornal do Brasil). Quando voltei, a editora, enfim, os amigos ficaram insistindo, tem de publicar e tal. Bateu um grilo ético muito grande, fiquei com a sensação de que ia pegar carona no sucesso do outro. Isso eu não quero. Mas amigos muito queridos como o Fernando Sabino, o José Rubem Fonseca, o Callado disseram: "puxa, que besteira, se você escreve é para publicar, até porque as pessoas não leram a série toda, não dá para ler, você perde e tal". Mas eu ainda não consegui resolver isso na minha cabeça, então está um impasse. Está aquele material todo lá, a editora está vendendo, tentando vender para o estrangeiro (há uma possibilidade nos Estados Unidos), aí eu até toparia. Meu grilo é só esse: você está com seu livro ainda na lista dos best-sellers e aí joga outro, dá a impressão que é pra pegar. E eu não resolvi, por mais que as pessoas digam pra parar com isso, que é frescura, tal. Bom, eu não tenho pressa. **(R.C.)**

Entrevista: Leôncio Martins Rodrigues

Cenários possíveis para os anos 90

Neste 15 de novembro, a sociedade brasileira tem novamente a oportunidade de decidir por si mesma os seus rumos. Todavia, escolher não é fácil e essas eleições parecem transcorrer sob um duplo signo: o da liberação da vontade popular, reprimida ao longo de três décadas, e o da preocupação com os cenários que se desenham para a próxima década. O Jornal da Unicamp buscou aclarar o assunto com o sociólogo e cientista político Leôncio Martins Rodrigues, professor da Unicamp e da USP, um dos poucos intelectuais capazes de mapear a estrutura ideológica brasileira e um dos primeiros a estudar em profundidade a questão do sindicalismo no Brasil.

Leôncio : "Que os partidos tenham perfil ideológico definido e que sejam comprometidos com a democracia".

Jornal da Unicamp — Do ponto de vista histórico, qual o significado das eleições presidenciais deste ano — a um século da proclamação da República e três décadas da última eleição direta?

Leôncio Martins — O significado que conhecemos: a consolidação do processo democrático através da eleição direta para presidente. Acontece que essa competição se efetua numa conjuntura econômica muito difícil que, na verdade, marcou toda a Nova República. O resultado é que, apesar da pletora de candidatos (ou por causa dela) o eleitorado está bem pouco motivado.

"Que o coeficiente de polarização ideológica não seja muito alto."

JU — A campanha presidencial pela TV mostra os candidatos preocupados em evidenciar funcionalidade administrativa antes de tudo, e não consistência ideológica. Princípios ideológicos são indispensáveis numa democracia? Ou basta um governo que funcione?

Leôncio Martins — Evidentemente, para a melhor sobrevivência da sociedade é mais importante um governo "que funcione". Uma democracia pode funcionar com baixo teor de ideologia, como nos Estados Unidos, Canadá, Suíça etc. Pelo contrário: um excesso de radicalização ideológica pode afetar negativamente a atuação governamental com conseqüências muito danosas para a vida da população. Numa tal situação, os cidadãos podem começar a pensar que é preferível um governo forte mas eficiente a uma democracia ineficiente. Penso no caso da República de Weimar, minada pelos conflitos entre várias forças bem definidas ideologicamente. Nesse caso, parece claro que o excesso de ideologização e a exacerbação dos conflitos entre comunistas e nacionais-socialistas não favoreciam a estabilidade democrática, tanto mais que a vitória de um desses partidos implicaria inelutavelmente a eliminação do outro (e também a dos demais partidos). Assim, um excesso de ideologização pode não ser um fator positivo para a estabilidade de um regime democrático. Porém, por outro lado, alguma consistência ideológica deve favorecer a consolidação dos partidos, condição importante para o funcionamento de uma democracia representativa. Do ponto de vista democrático, o ideal seria que os partidos (e os nossos políticos) tivessem um perfil ideológico relativamente bem definido mas estivessem comprometidos com os princípios fundamentais da democracia representativa e do pluralismo. Na prática, isto significaria a existência de partidos ideologicamente diferenciados mas partilhando um conjunto de valores básicos, o que vale dizer que o coeficiente de polarização ideológica não seria muito elevado.

JU — Milhões de eleitores que escolheram candidatos de esquerda nas eleições municipais de 1988 (por exemplo, em São Paulo, Porto Alegre e Campinas) mostram-se hoje propensos a apoiar candidatos à direita, pelo simples fato de os considerar "funcionais". Que análise o sr. faz disso?

Leôncio Martins — Em primeiro lugar, devemos considerar que parte da votação obtida pelos candidatos do PT nas eleições municipais resultou de um voto de protesto, de rejeição do *status quo* e não de adesão ao programa do PT. Naquelas eleições, o PT cresceu rapidamente ao final da campanha, capturando votos em segmentos que não podem ser considerados como componentes do eleitorado petista habitual. Ao que tudo indica, foi essa parcela dos que, no ano passado, preferiram o PT que agora vota em outros candidatos, mais especificamente em Collor.

"O povo se volta para o novo, para o diferente; daí o fenômeno Collor."

JU — Por que precisamente o Collor?

Leôncio Martins — Justamente porque ele aparece para as faixas de eleitorado mais desinformada como o novo, o diferente. No ano passado, os votos de protesto dirigiram-se para o PT. Esse partido ganhou as prefeituras das principais cidades industriais brasileiras. Agora tem de administrá-las. Tornou-se um partido grande (embora sua bancada federal seja pequena), tornou-se parte do *establishment*. Collor, no momento, está se beneficiando (não sei por quanto tempo) do fato de parecer um opositor ao sistema. Assim, tudo o que habitualmente constitui uma desvantagem numa competição eleitoral para presidente (ser relativamente desconhecido, vir de um pequeno Estado, estar apoiado por um partido que há pouco tempo era apenas uma legenda) transformou-se em vantagem. Minha hipótese é de que a maior parte dos eleitores que nas prévias tem manifestado preferência por Collor o faz não tanto por achar que ele é "funcional" mas por acreditar que ele é alguém de "fora do sistema", de fora da classe política.

JU — A campanha eleitoral mostra um altíssimo grau de teatralização, com os candidatos apresentando uma espécie de simulacro idealizado de si mesmos. O povo tem percebido isso e se queixado, colocando todos os candidatos numa espécie de vala comum da mediocridade. Até que ponto esse ceticismo generalizado já não compromete a estabilidade do período que se inicia?

Leôncio Martins — Eu diria que afeta não só a estabilidade do próximo período como também a do próprio regime democrático. Nas democracias, são os membros da classe política que realmente governam. Porém, o eleitorado brasileiro, notadamente os de níveis mais baixos de instrução, têm uma atitude ambígua com relação à nossa classe política. De um lado, a vêem como composta basicamente por espertalhões que estão lá para se locupletar; de outro lado, o povão espera que os políticos, que fazem parte daqueles que estão por cima, façam algo pelos pobres, bem de acordo com o velho figurino do clientelismo populista.

JU — Apesar do vazio ideológico da maioria dos candidatos, pode-se dizer todavia que temos candidatos de centro, de esquerda e de direita. No caso de termos um governo de esquerda, o sr. acha que institucionalmente ele teria condições de governar?

Leôncio Martins — Seria preciso ver que esquerda e que tipo de mudança pretenderia levar a cabo. Aceitando a definição tradicional de esquerda, centro e direita, o que parece mais à esquerda é a Frente Brasil Popular, composta pelo PT, PC do B e PSB. Para responder a essa questão, poderíamos prever os seguintes cenários. "Cenário n.° 1": a Frente Brasil Popular procuraria levar à prática um programa que favoreceria de algum modo a implantação de um regime socialista. A natureza do socialismo petista não é muito clara mas seria algo que, para merecer esse nome, implicaria a socialização dos principais meios de produção, de modo a ter, nesse aspecto, uma economia semelhante à de Cuba, URSS, China Popular, Albânia ou à de outros países socialistas. Neste caso, provavelmente, haveria forte reação dos proprietários, de facções das classes médias e das Forças Armadas. Pode-se prever forte risco de guerra civil. O resultado só poderia ser uma ditadura, de direita ou de esquerda, uma ditadura tipo Franco ou Pinochet, ou tipo Stalin. "Cenário n.° 2": a Frente Brasil Popular, como indica o seu atual programa, não pretende avançar muito em direção ao socialismo. Pretenderia um governo mais popular e democrático. As principais empresas estatais continuariam estatais e outras mais, ocasionalmente, poderiam ser estatizadas. Uma reforma agrária começaria a ser efetuada, mas grande parte da propriedade privada seria mantida. Nesse caso, teríamos uma redução dos investimentos, fugas de capitais etc. O governo de esquerda seria levado a ampliar os investimentos estatais a fim de suprir a falta de investimentos do setor privado. Provavelmente, aqui, também teríamos forte exacerbação dos conflitos e o desenlace seria aproximadamente equivalente ao primeiro cenário. "Cenário n.° 3": o PT assume uma postura social-democrata, o que significaria aceitar a legitimidade do lucro e dos interesses empresariais, inclusive os das multinacionais. Nos marcos da aceitação, o governo da Frente Brasil Popular de maioria petista procuraria ampliar o espaço das classes assalariadas, tal como na República Feferal Alemã, nos países escandinavos, na Espanha etc. Neste caso, dependendo das relações de forças e do preço a pagar por uma tentativa golpista, seria possível que a direita aceitasse um governo de esquerda constitucional. Em tudo isso, porém, não se pode esquecer que, na Câmara Federal, a Frente Brasil Popular conta apenas com uma vintena de deputados.

"O presidente terá que ser, antes de mais nada, um negociador."

JU — E na eventualidade de uma vitória de Brizola?

Leôncio Martins — Embora Brizola certamente não seja o candidato preferido dos setores empresariais, não sei se poderia ser considerado de esquerda. De todo jeito, acho que, se chegar ao Palácio do Planalto, seu governo não causaria nas camadas empresariais um temor equivalente ao de uma vitória de Lula. Nesse sentido, não excluo a hipótese de Brizola, apesar da campanha de estilo nacional-populista, aplicar, no plano econômico, um programa do tipo neoliberal. A América Latina apresenta alguns exemplos desse tipo, como Menem, na Argentina.

JU — Em sua opinião, que perfil de governo (levando-se em conta ideologia, política social e econômica) seria capaz de mudar a face do Brasil nos anos 90?

Leôncio Martins — A resposta a essa questão envolve, obviamente, um alto grau de subjetivismo e de preferência pessoal. Eu entendo ser fundamental uma reformulação das relações entre o Estado e a sociedade, de modo a desprivatizar o que deve ser público e a desestatizar o que deve ser privado, o que significa dizer desburocratizar a sociedade, limitar o poder da tecnocracia e da burguesia estatal. Isto não significa enfraquecer o Estado ante os grupos privados mas tentar fazer com que ele se torne mais eficiente, mais independente dos interesses particularísticos e clientelísticos, aí incluídos os que se localizam dentro do próprio aparelho estatal. Claramente, há, numa orientação desta natureza, elementos de um programa neoliberal porquanto implica um reforçamento do mercado e dos grupos empresariais. Deste ângulo, acho necessário, como contrapartida, um reforçamento das organizações sindicais e de outras entidades da sociedade civil, em conjunção com um vasto programa de investimento social, conduzido diretamente pelo Estado ou por intermédio de instituições da sociedade civil.

"Se a esquerda ganha e radicaliza, pode-se prever forte risco de guerra civil."

JU — O sr. acha, então, que um governo de direita teria mais condições para atacar certos problemas do País?

Leôncio Martins — Um governo de direita, evidentemente, teria a vantagem de poder contar com as simpatias dos setores empresariais. É possível, neste caso, que ocorresse uma retomada dos investimentos, inclusive dos investimentos estrangeiros. Mas se esse governo não levar em conta os problemas sociais, a conseqüência seria uma exacerbação dos conflitos, prejudicial também para a reorganização da economia. Porém, acredito que, qualquer que seja o futuro governo, ele terá uma margem de manobra e autonomia de decisão igual ou menor do que teve o governo Sarney. Em primeiro lugar, os candidatos com maiores probabilidades de chegar à presidência estão em partidos com bancada parlamentar muito pequena na Câmara Federal, situação agravada ainda pelo fato de os governos estaduais estarem em mãos do PMDB; em segundo lugar, a sociedade civil — e especialmente vários segmentos das classes populares — está mais organizada e com maior capacidade de pressão. Conseqüentemente, o próximo presidente encontrará muitas barreiras para governar de modo autoritário. Terá que ser, antes de mais nada, um hábil negociador. (A.C.)

Sete prêmios para o longa de Nuno

Lima Duarte protagoniza filme de professor da Unicamp.

A exemplo da fênix, ave mitológica que sempre renasce das próprias cinzas, o cinema estético ressurge quando menos se espera, apesar de todas as limitações da indústria cinematográfica nacional. Essa é a visão do cineasta Nuno Cesar Abreu, professor do Departamento de Multimeios do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Perseverante, nos últimos três anos ele roteirizou e dirigiu seu primeiro longa-metragem, *Corpo em Delito*, com Lima Duarte e Regina Dourado. Como resultado do trabalho, um novo horizonte surge na carreira do cineasta. O filme vem sendo bem recebido pela crítica e mereceu, antes mesmo de chegar ao circuito comercial, sete prêmios em dois festivais recentes.

Lima Duarte, contracenando com Regina Dourado, é o protagonista do filme dirigido por Nuno Abreu (destaque).

O cinema brasileiro está morrendo? Nuno garante que não, mas admite que há uma tendência mundial, embora tardia no Brasil, em reconhecer que não há cinema nacional no sentido econômico. "As montagens são cada vez mais transacionais, ou seja, são co-produções entre os países." Dada a complexidade das produções, requerendo equipes cada vez maiores, os cineastas tratam de buscar associações aqui e lá fora. O seu primeiro longa-metragem, por exemplo, foi produzido pela Embrafilme como principal investidora e mais duas empresas de produção cinematográfica. O custo do filme, no entanto, Nuno considera difícil calcular, já que nesse período de três anos o Brasil teve três moedas (cruzeiro, cruzado e cruzado novo).

Para se ter uma idéia da maratona de uma filmagem, *Corpo em Delito* envolveu, por exemplo, meses de pesquisa, visita a necrotérios, uma equipe fixa de 50 pessoas mais 100 profissionais contratados em caráter temporário, locações e 600 minutos de filmagem para compor a fita final. Para isso foram rodadas 150 latas de filme.

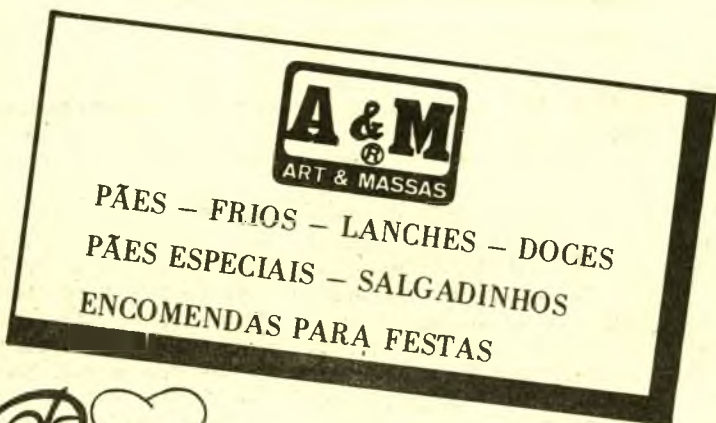
Tanathos, a morte

Apresentado na forma de fragmentos de memória, *Corpo em Delito* busca sua estrutura nos anos 70, no período da ditadura. O médico-legista Athos Machado Brazil (Lima Duarte) falsifica laudos para encobrir os crimes cometidos pelos órgãos de repressão. Ao se aposentar, retira-se em companhia de uma mulher da noite, Tana Divino (Regina Dourado), para uma casa de praia. No local ele se dedica às memórias de um velho integralista e se vê assombrado pelos seus fantasmas, inclusive o de sua filha, Sílvia (Dedina Bernadelli), ex-militante clandestina identificada num necrotério pelo próprio pai.

Para Nuno, *Corpo em Delito* é quase um melodrama, com casos que podem ser identificados como reais, já que se trata de uma espécie de colagem político-existencial. Ele ressalta, no entanto, que o filme não apresenta o tratamento realista que se dá geralmente a um fato histórico, mas busca a verossimilhança através do dramático. Uma das sutilezas do longa-metragem, segundo o diretor, é que a partir de um jogo de palavras com os nomes dos personagens principais, Athos e Tana, se tem *Tanathos*, que em grego significa a morte. Esse é justamente o lado perverso e cruel da história, roteirizada por Nuno e Sérgio Vilella, da Universidade Federal Fluminense (UFF). A música é de autoria do compositor Raul do Valle, docente no Departamento de Música da Unicamp.

A crítica tem se mostrado favorável ao primeiro longa-metragem de Nuno Cesar Abreu, que em dezembro irá concorrer no 11.° Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano, em Havana. Mas, para ele, os sete prêmios já são o bastante. A primeira premiação foi simbólica e veio da própria classe cinematográfica, em agosto, durante o 5.° Rio Cine Festival, no Rio de Janeiro. Nuno recebeu o "Prêmio Panda" pelo melhor plano cinematográfico: no final do filme, pássaros, que estavam num viveiro, saem e começam a voar sobre o médico-legista Athos Machado Brazil, no instante em que ele se encontra sozinho numa biblioteca, onde há uma mesa repleta de "entulhos da memória", ou seja, fotografias.

A segunda premiação ocorreu durante o 3.° Festival de Cinema de Natal, Rio Grande do Norte, em setembro. Foram cinco troféus "Estrela do Mar" (placas em acrílico), concedidos pelo júri popular por melhor filme, melhor diretor, roteiro, ator e cenografia (os cenários foram criados por Vânia Guimar e Dulce Barata). A Nuno, a crítica do festival concedeu o prêmio de melhor direção.

Os longa-metragens que concorreram em Natal foram *Lua Cheia*, de Alain Fresnot, também estrelado por Lima Duarte; *Jardim de Alah*, de David Neves, com Raul Cortez; *Sonhei com Você*, de Ney Sant'Anna, com Milionário e José Rico; *Doida Demais*, de Sérgio Rezende, com Vera Fischer, Paulo Betti e José Wilker; e *Faca de Dois Gumes*, de Murilo Salles, com Paulo José, Marieta Severo e José de Abreu. Como *hours concours* foi apresentado o filme de Cacá Diegues, *Dias Melhores Virão*. (C.P.)

Música contemporânea ganha acervo

Unicamp instala centro que só existe em Tóquio, Brêmen e Neuilly.

Fazer música erudita no Brasil sempre foi uma tarefa árdua. Os compositores defrontam-se com dificuldades de toda natureza. A principal delas é a falta de contato com as diferentes tendências estrangeiras, o que justificaria, de acordo com os especialistas da área, uma defasagem de pelo menos 20 anos no setor. A única forma de romper essa lacuna para os músicos que não podem viajar constantemente para o exterior é contar com fitas e partituras trazidas por amigos.

Com a criação, no início do mês passado, do Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC) da Unicamp, que será referência para toda a América Latina, esse quadro poderá finalmente começar a ser revertido. Isso porque os compositores, pesquisadores e estudantes de música poderão contar com um precioso acervo de obras da música erudita contemporânea, à semelhança do que já existe em outros países do Primeiro Mundo.

O acesso às obras

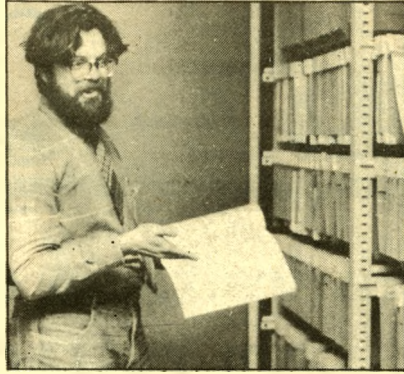
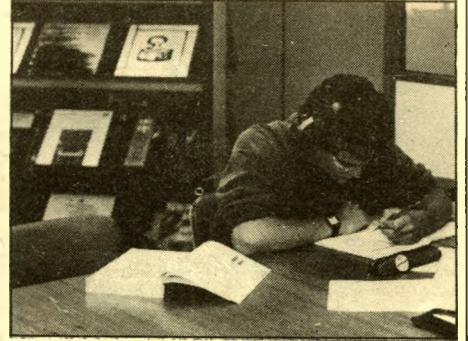
O acervo do CDMC reúne obras das mais representativas tendências internacionais, entre elas as de Olivier Messiaen, que revolucionou a música erudita contemporânea francesa da segunda metade do século XX. Messiaen fez escola. Apesar disso é praticamente desconhecido por boa parte dos músicos brasileiros. Considerado o "pai de todos", é responsável pela formação de boa parte dos compositores franceses. Seu estilo fortemente influenciado pelos ritmos hindus e as hagas do Oriente em geral, bem como da música japonesa, marcou época. Messiaen é também um dos principais responsáveis pela introdução do canto de pássaros na música instrumental. Compôs várias músicas sacras e atua como organista da Igreja Trinité, na França.

Como Messiaen, cuja obra musical poderá agora ser consultada pelos aficcionados da música erudita contemporânea, outros compositores importantes integram o acervo do CDMC. Quem tiver interesse em pesquisar a chamada linha do teatro musical, que incorpora o gestual do teatro ao discurso musical, poderá encontrar nas obras do compositor de origem grega, George Aperghis, um importante material de apoio.

Outro nome não menos importante, cuja obra musical também se encontra disponível no CDMC da Unicamp é o de Tristan Murail. Suas composições vão em direção ao estudo fenomenológico do som. Murail pesquisa a estrutura interna (física) do som e, a partir dos elementos encontrados, constrói sua obra. Essa corrente é conhecida como música espectral. Nesse tipo de trabalho os acordes harmônicos são construídos a partir de modelos que provêm da análise espectral de sons naturais e sintéticos. Com seu trabalho Murail observa, analisa, adapta, transforma e molda um novo som.

Coordenar um centro que reúne obras dessa complexidade é tarefa para um especialista na área. Foi pensando nisso que o reitor Paulo Renato Souza convidou o compositor José Augusto Mannis para dirigir o CDMC. Mannis faz música eletroacústica tradicional e trabalha também com o som obtido pela mistura de instrumentos com eletroacústica. Contrabaixista formado pelo Conservatório de Paris, Mannis fez seu mestrado na Universidade de Paris VII, onde defendeu a tese intitulada "A eletroacústica na música de hoje" (uma espécie de tratado sobre as transformações da eletroacústica voltadas para a prática da música eletroacústica ao vivo). A formação musical de Mannis, associada ao tempo que morou na França (nove anos), onde conheceu o que de mais moderno vem sendo feito com a música erudita contemporânea mundial, permite-lhe orientar com propriedade as atividades do centro facilitando assim o trabalho dos pesquisadores brasileiros e latino-americanos.

O CDMC

Criado há pouco mais de dez anos na cidade de Neully, na França, o Centro de Documentação de Música Contemporânea, CDMC, que já possui filial nas cidades de Tóquio, no Japão e em Brêmen, na Alemanha, estende agora mais um braço em direção à difusão da música erudita contemporânea, dessa vez para o Terceiro Mundo. O país escolhido para sediar esse importante acervo integrado por 3.500 obras — que podem ser consultadas sob diferentes formas: partitura musical, gravação em fita K-7 e pasta técnico-histórica —, foi o Brasil.

Mannis: trabalho com eletroacústica.

No prédio da Biblioteca Central, espaço para consultas e audições.

O CDMC da Unicamp foi inaugurado oficialmente no dia 4 de setembro último, depois de vários anos de gestões entre a Universidade e o CDMC francês. O convênio se tornou possível a partir do projeto cultural Brasil-França e contou, desde o início, com o apoio e o persistente interesse do compositor e professor do Instituto de Música da Unicamp, Raul do Valle. Várias instituições brasileiras interessaram-se em sediar o CDMC — USP, UnB, MIS (SP), Museu Vila Lobos do Rio de Janeiro, Casa Brasil-França da Fundação Roberto Marinho, também no Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Ceará. A escolhida, porém, foi a Unicamp.

Para a inauguração do CDMC estiveram presentes autoridades brasileiras e francesas, entre elas André Zavriew, diretor da Associação Francesa de Ação Artística — AFAA, do Ministério de Relações Exteriores (responsável pela compra das cópias das obras do CDMC-França e posterior remessa para o Brasil), Marianne Lyon, diretora do CDMC-França, Roberto Richard, comissário geral de Annêes França-Brasil, e Yves Prin, da Rádio França.

Das 3.500 obras que compõem atualmente o acervo do CDMC-França, já foram transferidas para o Brasil 300 obras. A cada ano esse acervo será acrescido de novas obras até integralizar o conjunto existente na França. Segundo Mannis, 95% das obras catalogadas são desconhecidas pela maioria dos músicos. O acesso às obras é totalmente informatizado, facilitando a busca do pesquisador. Além das partituras propriamente ditas, o interessado poderá dispor também de fichas com informações completas sobre o compositor e sua obra.

Durante a Universidade Aberta ao Público (UAP), 29 e 30 de setembro, quando a Universidade foi visitada por milhares de pessoas, o CDMC da Unicamp recebeu 2.450 pessoas. O horário de consulta é das 9 às 12 horas e das 14 às 17h30. O CDMC-Unicamp não pretende porém se limitar a ser apenas um centro de referência para consultas. Quer atuar diretamente junto aos músicos e estudiosos em geral para uma reflexão sobre as diversas tendências, assim como colaborar com a estruturação de novas linguagens musicais. Para isso, promoverá junto à Biblioteca Central da Unicamp, onde está sediado e junto com outras instituições do País, uma série de atividades culturais que vão desde seminários a *workshops*, com a participação de músicos brasileiros e estrangeiros. Pretende, dessa forma, ser um centro vivo e dinâmico para o desenvolvimento da música erudita contemporânea brasileira e sua divulgação no Brasil e no exterior. (G.C.)

VIDA UNIVERSITÁRIA

ENCONTROS

Engenharia Química — O I Encontro de Engenharia Química da Unicamp vai ser realizado nos dias 6, 7 e 8 de novembro, no Centro de Convenções da Unicamp. A promoção é da Faculdade de Engenharia de Campinas e outras informações podem ser obtidas pelo telefone 39-1301, ramais 2621 e 2840.

Educação republicana — "Um século da educação republicana" é o nome do evento promovido pela Faculdade de Educação, de 6 a 10 de novembro. Acontece no Centro de Convenções da Unicamp e na própria Faculdade de Educação. Maiores informações pelo telefone 39-1463.

Tecnologia para as Artes — Discutir as formas de inter-relacionamento entre a tecnologia e as artes é o objetivo principal do 1.º Seminário Nacional de Tecnologia para as Artes que será realizado de 6 a 10 de novembro das 9 às 17 horas no Auditório do Instituto de Artes da Unicamp. Entre outros aspectos será discutida a relação entre a tecnologia existente no Brasil e as reais necessidades da comunidade artística. A promoção é do Instituto de Artes da Universidade com apoio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial. Maiores informações pelo telefone 39-1510 ou 39-1301, ramal 3371.

Amazônia e ecologia — O Seminário "Amazônia e a Ecologia" é mais uma atividade prevista para o Centro de Convenções, em novembro. A data prevista é de 7 a 10 de novembro, contando com a coordenação do prof. Luciano Martins.

Neuropsicologia — A Jornada da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia vai ser realizada em 10 de novembro, durante todo o dia, no salão II do Centro de Convenções. É organizada pela Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, com a coordenação do médico Jayme Antunes Maciel Filho. Informações: 39-2422.

Evolução do homem — O Núcleo de Estudos Psicológicos, NEP, promove no dia 11 de novembro o evento "A psicologia de Peter Ouspenski e George Gudjieffi — o estudo do homem visando a sua evolução". Das 9 às 17 horas, no salão II do Centro de Convenções. Informações adicionais, ligue 39-1301, ramal 3432.

Arte total — "O anel dos Nibelungos como obra da arte total" é o tema da palestra que será proferida pela pesquisadora alemã, Karla Fohrbeck, diretora do Instituto de Pesquisa Cultural de Bonn (Alemanha). A palestra será realizada dia 20 de novembro, às 14 horas, no Auditório do Instituto de Artes da Unicamp. O encontro, aberto a todos os interessados, terá tradução simultânea. A promoção é do Núcleo de Desenvolvimento e Criatividade (Nudecri), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e Instituto de Artes (IA).

Cooperação internacional — De 20 a 23 de novembro, a Assessoria de Relações Internacionais (ARI) realiza o seminário "Cooperação internacional: modelos e instrumentos". Nos três salões do Centro de Convenções. Outros detalhes pelo telefone 39-3746.

Sexualidade — Outra atividade do NEP para novembro é o evento "A sexualidade: enfoque interdisciplinar". Será dia 25, no salão II do Centro de Convenções. Informações pelo telefone 39-1301, ramal 3432.

Educação pré-escolar — O "IV Encontro Nacional de Professores do Proerpe — Programa de educação pré-escolar", promovido pela Faculdade de Educação, está marcado para 26 de novembro a 1.º de dezembro. O local é o hotel Majestic em Águas de Lindóia. Diariamente das 9 às 22 horas. Esclarecimentos pelo telefone 39-1301, ramal 2731.

Cem anos — O Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) também programou uma atividade especial para os 100 anos da República. E a denominou "A República faz 100 anos". Dias 28, 29 e 30 de novembro. Detalhes adicionais pelo telefone 39-1301, ramal 2521.

LIVROS

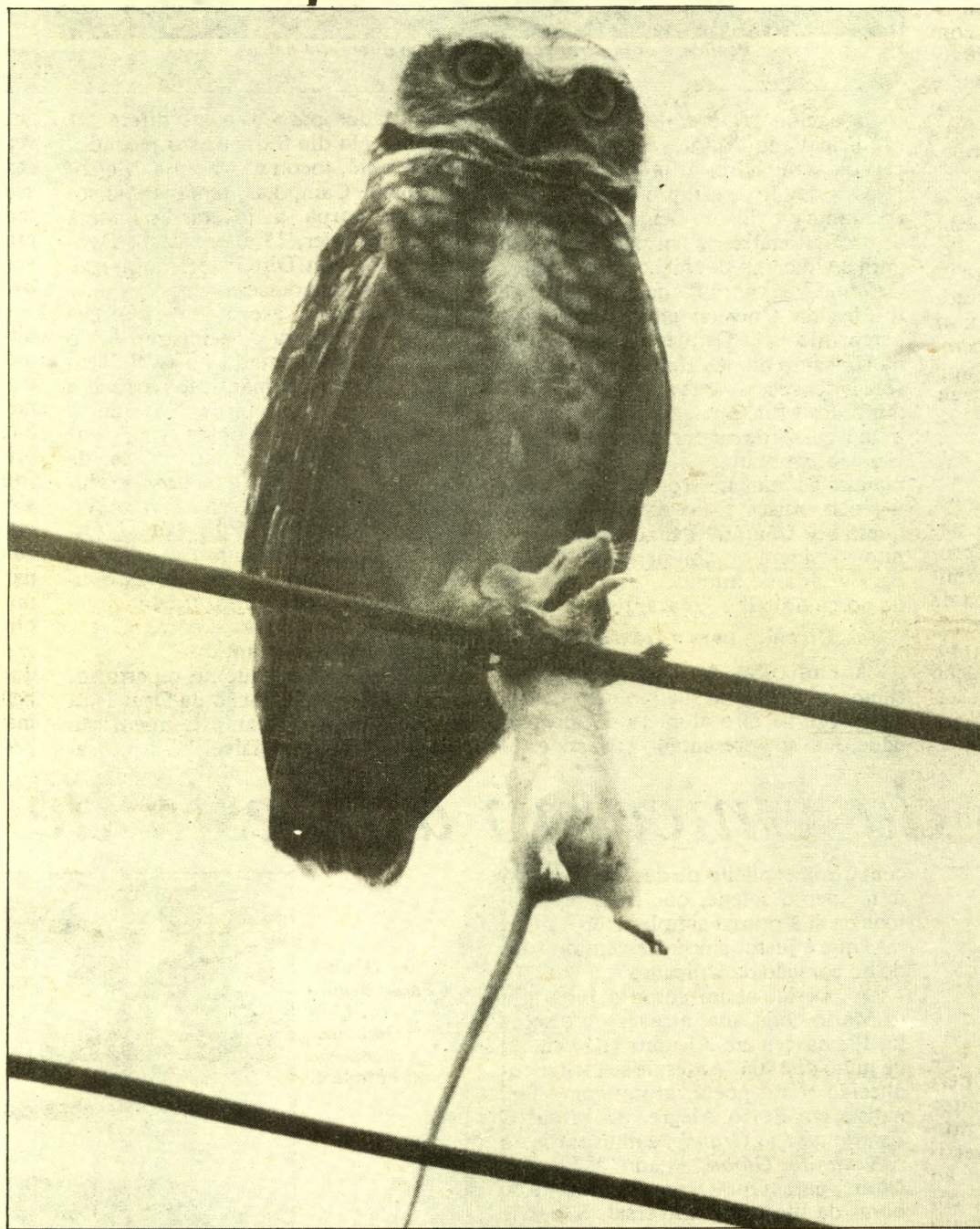
Homens Esquecidos, de Peter L. Eisenberg, Editora da Unicamp — Dividida em quatro partes temáticas, essa coletânea aborda, na primeira, a economia de exportação de açúcar e a sociedade do Nordeste brasileiro; na segunda focaliza a mentalidade dos fazendeiros e senhores de engenho quanto à transição da escravidão ao trabalho livre. A terceira dedica-se às condições de vida dos trabalhadores livres, libertos e escravos, e a quarta trata do surgimento da economia de exportação de açúcar em São Paulo e das conseqüentes transformações sociais no final do século XVIII, e nas primeiras décadas do século XIX.

Interação Leitor-Texto — Aspectos de Interpretação Pragmática, de Marilda Couto Cavalcanti, Editora da Unicamp — A autora focaliza uma questão de interesse para a pesquisa sobre o ensino/aprendizagem de línguas em Lingüística Aplicada. Compara os problemas de interpretação pragmática previstos com base no arsenal teórico utilizado e os problemas realmente encontrados pelos leitores-informantes brasileiros. Para obtenção dos dados de uma atividade individual e encoberta como é a leitura, foi utilizada a técnica introspectiva de protocolos verbais.

Técnicas Instrumentais de Caracterização de Semicondutores, de Vítor Baranauskas, Editora da Unicamp — Livro elaborado de forma a apresentar uma introdução às técnicas fundamentais de caracterização de materiais semicondutores, incluindo desde os princípios fundamentais até aspectos tecnológicos decorrentes das necessidades atuais de futuro próximo. Dessa forma, o livro pode servir como referência introdutória para todas as pessoas que trabalham em microeletrônica, tanto em pesquisa quanto em fabricação, como por exemplo engenheiros eletrônicos e de produção, físicos e engenheiros de materiais.

Terra — Trabalho e Capital/Produção Familiar e Acumulação, de Hugo Rodolfo Lovisolo, Editora da Unicamp — Utilizando a aproximação antropológica e uma etnografia comparativa. Lovisolo busca compreender como a especificidade do desenvolvimento capitalista no Brasil e em outros países determina, por um lado, a permanência e a reprodução da unidade familiar, e, por outro, uma diferenciação não-clássica entre as unidades. Busca ainda encontrar mecanismos e orientações das unidades familiares que possibilitam a atuação dos determinantes do desenvolvimento capitalista, provocando uma diferenciação entre elas.

O passeio da câmera

Foto: Antoninho Perri.

Cena dramática de uma tarde de verão no campus: à plena luz, a insólita coruja se apodera da pequena vítima e contempla, indignada, seus observadores.

TESES

Biologia

"Estudo comparativo de cinco isolados de Boculovirus em Diatraea Saccharalis" (doutorado). Candidata: Helena Camarão Telles Ribeiro. Orientador: prof. Octávio Henrique Pavan. Data 25/9/89.

"Efeitos de diferentes concentrações de esteriosídeo na função renal e pressão arterial média em ratos. Participação das prostaglandinas" (mestrado). Candidata: Ana Rita Sainatti. Orientadora: professora Márcia Salomão Nelis. Data: 11/10/89.

Educação

"O enfoque autonomista da educação: crítica à proposta de educação popular autônoma" (mestrado). Candidata: Luzia Ciqueira Vasconcelos. Orientador: prof. Dermeval Saviani. Data: 25/9/89.

"Sexualidade e comunidade eclesial de base: novos pressupostos pedagógicos e filosóficos" (mestrado). Candidato: Antônio Vidal Nunes. Orientador: prof. Augusto João Crema Nouaski. Data: 2/10/89.

"Criança: do silêncio a sujeito consciente" (mestrado). Candidato: Meriti de Souza. Orientador: prof. Sérgio Vasconcelos de Luna. Data: 3/10/89.

"Física para o magistério pressuposto e práticas: fragmentos" (mestrado). Candidato: Rubens Barbosa de Camargo. Orientador: prof. Luiz Carlos de Menezes. Data: 6/10/89.

Engenharias

"Processamento otimizado de sinais de TV digitalizados empregando amostragem sub-Nyquist" (doutorado). Candidato: Luís César Martini. Orientador: prof. Yuzo Yano. Data: 25/9/89.

"Simulação experimental de vibrações para teste dinâmico de estruturas com não linearidade" (mestrado). Candidato: Pablo Siqueira Meireles. Orientador: prof. José Roberto de França Arruda. Data: 27/9/89.

"Uma abordagem com a metodologia ray-tracing" (mestrado). Candidato: Ari de Moura Villaça. Orientador: prof. Clésio Luiz Tozzi. Data: 28/9/89.

"Estudo teórico experimental do tempo de permanência de partículas em ciclones de gás" (mestrado). Candidato: Adolfo Ludovico Godoy. Orientadora: professora Sílvia A. Nebra de Perez. Data: 29/9/89.

"Planejamento florestal otimizado via redes de manejo" (doutorado). Candidato: Celso Carnieri. Orientador: prof. Miguel Taube Neto. Data: 10/10/89.

Lingüística

"Interações didáticas transculturais: implicações para o planejamento do componente oral de um curso universitário de secretariado bilíngüe (mestrado). Candidata: Astrid Nilsson Sgarbieri. Orientadora: professora Marilda do Couto Cavalcanti. Data: 25/9/89.

Medicina

"Avaliação da curva de crescimento da altura uterina como método para estimar o peso fetal" (doutorado). Candidato: Ricardo Barini. Orientador: prof. Aníbal Faundes. Data: 6/10/89.

Química

"Estudos da Acidez Naftênica por GC/MS do querosene de anação do petróleo Carbiúnas e síntese de padrões para o uso em cromatrografia gasosa e espectrometria de massa" (mestrado). Candidato: Maurício Haruo Ishikawa. Orientadora: professora Luzia Koike. Data: 29/9/89.

"Aplicação de método AB Initio em um estudo da natureza da geometria de hidretos triatômicos e sua correlação com os modelos da repulsão do par eletrônico da camada de valência e de Mullikenwaksh" (mestrado). Candidato: Nelson Henrique Morgon. Orientador: prof. Rogério Custódio. Data: 29/9/89.

"Preparação reatividade da 2-fenil-azerina-3-acetato de metila com nucleófilos nitrogenados" (mestrado). Candidata: Alice Misa Kanazawa. Orientador: prof. Albert Jams Kascheres. Data: 5/10/89.

Música de câmara made in Unicamp

Leve e solta, uma orquestra que vai do popular ao erudito.

A espinha dorsal da Orquestra Sinfônica de Campinas é constituída por músicos que integram um outro corpo musical, menor e mais leve: a Orquestra de Câmara da Unicamp. Essa integração não ocorre por acaso. Afinal, o regente da Sinfônica Municipal da cidade, Benito Juarez, é o mesmo da Orquestra da Unicamp. Benito é também professor e chefe do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade.

A vantagem desse entrelaçamento — universidade e comunidade —, reside na possibilidade de um investimento continuado no aperfeiçoamento da técnica (com a execução) e o aprofundamento do trabalho (que se obtém com a dedicação à pesquisa e à experimentação constante). Criada em 1982 com 23 membros, a Orquestra de Câmara da Unicamp conta hoje com 34 elementos. Embora no momento sua composição seja basicamente de instrumentos de cordas (violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, caracterização principal de uma orquestra de câmara), Benito pretende, já em 1990, contar com um núcleo de sopros e percussão. "Queremos aos poucos trazer para cá todos os instrumentos, transformando assim a Orquestra da Unicamp num verdadeiro laboratório. Dessa forma será possível uma pesquisa mais ampla de toda a literatura sinfônica", assegura o maestro.

Benito e a orquestra: apresentação em diferentes palcos.

Na Catedral, a participação da solista holandesa Harmke Brower.

Aprimoramento

A busca do aprimoramento na execução dos sons sempre foi uma constante na vida do maestro Benito Juarez. E é por causa dessa incessante procura pelo aperfeiçoamento que permitiu que desse à Orquestra Sinfônica de Campinas um status até mesmo internacional e conquistasse variados prêmios como regente. De sua fundação em 1975, quando percorreu vários estados brasileiros para ir de encontro aos melhores músicos disponíveis no mercado nacional até hoje, a Sinfônica Municipal adquiriu um nível comparável ao das melhores orquestras.

Os desafios sempre foram uma constante na vida de Benito que depois de profissionalizar o coral da USP veio para a Unicamp, a convite do ex-reitor Zeferino Vaz, para formar o núcleo de música da Universidade. O caminho percorrido pela Orquestra de Câmara da Unicamp não é diferente do da Sinfônica. O sucesso das apresentações da Sinfônica Municipal, a quem se credita a "ousadia" de misturar um repertório clássico e popular — para delírio de platéias as mais heterogêneas possíveis —, não ofusca o novo brilho da Orquestra de Câmara. Pelo contrário, Benito considera a "competição" salutar para a vida de ambas, "está no cerne do nosso trabalho", garante.

Do palco para a gravação

A Orquestra de Câmara da Unicamp, integrada na sua grande maioria por professores e alunos da Universidade, tem se apresentado com repertórios variados para os mais diferentes públicos. No dia 8 de agosto passado, por exemplo, tocou na Catedral Metropolitana de Campinas, tendo como solista em harpa a jovem holandesa Harmke Brower, 15 anos. Bach, Dvorak e K.D. von Dittersdorf compuseram o programa desse concerto.

O repertório executado pela Orquestra de Câmara da Unicamp é, no entanto, o mais variado possível. Tem música clássica, romântica, barroca e também contemporânea. Não deixa porém de executar as obras compostas por seus professores, como é o caso de Raul do Valle, Almeida Prado e alunos. Hendel, Mozart, Tchaicovsky, Vivaldi, Aron Coplan, Villa-Lobos, Oswaldo Lacerda, Camargo Guarnieri, Ciro Pereira, Carlos Gomes e os populares Milton Nascimento, Caetano Veloso, Zequinha de Abreu, entre outros, todos têm espaço garantido.

Como a diversidade no repertório, os locais de apresentação da Orquestra de Câmara da Unicamp também são múltiplos. Ora é possível vê-la no saguão do Hospital das Clínicas da Universidade, ora em praças do campus, em outras universidades, em museus de arte, espaços públicos e em escolas. Em todos eles a recepção é muito boa. Sua grande apoteose foi no Festival de Inverno de Campos do Jordão, onde foi ovacionada de pé.

O fio condutor do trabalho de Benito é a qualidade. Conquistada esta meta, o novo desafio, segundo o maestro, é partir para as gravações. Documentar o trabalho que vem sendo feito é fundamental para o seu caminhar. A primeira obra a ser gravada será a Sinfonia de Alexandre Levi, do final do século passado, pré-Villa-Lobos, e cuja obra é desconhecida. Coube ao musicólogo Arnaldo Senize restaurar suas partituras. A recuperação do acervo musical brasileiro, trazendo à tona obras até então desconhecidas, faz parte do trabalho dos músicos em uma orquestra universitária, que, ao eleger a pesquisa um dos seus parâmetros, nada mais natural que também execute o que pesquisou. **(G.C.)**

O tributo da Unicamp à poesia de Quintana

Um dos maiores líricos brasileiros torna-se doutor "Honoris Causa".

Mário Quintana, o poeta de *Rua dos Cataventos*, tornou-se a 11.ª personalidade a receber o título de Doutor "Honoris Causa" da Unicamp. O título, conferido pelo Conselho Universitário da instituição, foi entregue ao poeta no último 20 de setembro, em Porto Alegre, pelo reitor Paulo Renato Souza. Aos 83 anos, doente e quase sempre recolhido ao seu quarto no Hotel Royal, Quintana não pôde deslocar-se até Campinas para receber a honraria. Por isso a solenidade se deu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

"Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. Foi o que aconteceu. A montanha veio até mim, para me trazer esse título. Estou realmente emocionado." Este foi o comentário bem-humorado do poeta ao jornal *Zero Hora*, quando o repórter lhe perguntou que significado tinha para ele o gesto da Unicamp.

Aparentemente, a veia satírica lhe tinha sido acordada pelo vice-reitor Carlos Vogt, que o saudou em nome da comunidade universitária da Unicamp. Vogt, também poeta, terminou seu discurso invocando um certo personagem de Quintana, Mr. Wong, "o chinês que há dentro de nós", e que, num camarote de teatro, enquanto os outros vêem o espetáculo, põe-se a contar carecas na platéia. O discurso terminou assim: "Pois digamos, com alguma probabilidade de certeza, que enquanto esta saudação transcorria, Mr. Wong se distraía comparando nossas gravatas, com o fim explícito de dessacralizar este momento solene, que pode até destoar da sua poesia simples e cristalina, mas que é justo, sincero e vem do fundo do coração da Unicamp".

A poesia, assim como a biografia de Mário Quintana, atravessou o século. Ele nasceu em Alegrete (RS) em 30 de julho de 1906. Antes de se tornar conhecido como poeta, atuou como jornalista em Porto Alegre, no jornal *O Estado do Rio Grande*, e mais tarde na *Revista do Globo*, ligada à Editora Globo, para a qual traduziu mais de 40 obras da literatura universal. São dele as primeiras traduções no Brasil de Balzac, Giovanni Papini, Marcel Proust, Josef Conrad e Virginia Woolf. Foi a partir de 1940, com a *Rua dos Cataventos*, que seu nome começou a circular mais intensamente nos meios literários de São Paulo e Rio, a partir daí em todo o País. Sua obra compreende hoje mais de 30 títulos, dos quais o último é a antologia *80 anos de poesia*, publicado em 1986. Segundo o crítico Fausto Cunha, Quintana é reconhecidamente "um dos grandes líricos contemporâneos".

Em seus 23 anos de existência, a Unicamp já concedeu o título de Doutor "Honoris Causa" a dez outras personalidades, entre elas o físico Gleb Wataghin, o ex-ministro Dílson Funaro, o ensaísta Antonio Candido e o educador Paulo Freire. **(E.G.)**

poema

"Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
eu passarinho!"

Mário Quintana

O reitor Paulo Renato e Mário Quintana: a montanha vai a Maomé.

Da saudação ao poeta

Abaixo, alguns excertos da saudação do vice-reitor Carlos Vogt, da Unicamp, ao poeta Mário Quintana.

•

"A você que jamais desejou títulos, é necessário que nos compreenda a compulsão de querermos para nós este outro honroso título — o de termos titulado o poeta Mário Quintana numa época em que outros preferiram titular presidentes e ministros."

•

"Se a justiça comum às vezes falha, a da história literária não há como errar nesse sentido: ninguém, em sã consciência, poderá dizer que Quintana descende em linha direta de antropófagos ou verde-amarelos, que comungou com a geração de 45 e almoçou como os concretistas, de modo algum! Jamais ele foi um diluidor, um reduplicador."

•

"Quintana é sempre o mesmo ao longo de seus 60 anos de poesia, se considerarmos o largo tempo em que permaneceu inédito. É espantoso que, aos 80 anos, tenha publicado textos de juventude que se parecem com os da velhice. como se pode atestar em Baú de Espantos. Se é certo que ampliou temas e formas de expressão, não é necessariamente certo que tenha precisado evoluir. Daí que a originalidade, o lirismo e a necessidade de ser breve são, nele, sucedâneos de uma férrea coerência e de uma admirável fidelidade a si mesmo."

•

"É comum acostumar-se a identificar a geografia pelos poetas que ela produz. É assim que Lisboa é Fernando Pessoa, Madri é Lorca e Paris é Apollinaire. (...) Para os que respiram a atmosfera das idéias, tornou-se impossível pensar em Porto Alegre — e no Rio Grande, por extensão — sem imaginar o velho Quintana em seu quarto no hotel Royal ou, quando não faz frio, circulando devagar pela praça da Alfândega."